



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM – PPCL**

CLEILSON DA SILVA COSTA

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM A
PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM OLHO D'ÁGUA DO BORGES/RN**

MOSSORÓ/RN

2024

CLEILSON DA SILVA COSTA

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM A
PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM OLHO D'ÁGUA DO BORGES/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – *Campus* Central, para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Área de concentração: Linguagens e sociedade.

Linha de pesquisa: Estrutura e funcionamento da linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Cid Ivan da Costa Carvalho.

MOSSORÓ/RN

2024

© Todos os direitos estão reservados à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e referenciados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

C837a

Costa, Cleilson da Silva

Uma análise sociolinguística da concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Olho D'Água do Borges//RN. / Cleilson da Silva Costa. - Mossoró/RN, 2024.

76p.

Orientador(a): Prof. Dr. Cid Ivan da Costa Carvalho.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. sociolinguística variacionista. 2. variação da concordância verbal. 3. região intermunicipal de Mossoró/RN. 4. Olho D'Água do Borges/RN. I. Carvalho, Cid Ivan da Costa. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

CLEILSON DA SILVA COSTA

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM A
PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM OLHO D'ÁGUA DO BORGES/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – *Campus* Central, para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Dissertação aprovada em 15 de agosto de 2024.

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **CID IVAN DA COSTA CARVALHO**
Data: 24/08/2024 16:43:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cid Ivan da Costa Carvalho (UERN)

Orientador

Gilson Chicon Alves:51025361415 Assinado de forma digital por Gilson Chicon

Alves:51025361415 Dados: 2024.08.24 07:00:48 -03'00'

Prof. Dr. Gilson Chicon Alves (UERN)

Examinador interno

Documento assinado digitalmente
 **CIBELE NAIDHIG DE SOUZA**
Data: 23/08/2024 16:55:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Cibele Naidhig de Souza (UFPR)

Examinadora externa

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

À minha irmã (*in memoriam*), Katilene Regiane da Silva Costa, ao meu pai (*in memoriam*), Francisco de Assis Costa, e aos que me apoiaram durante este “capítulo” acadêmico.

AGRADECIMENTOS

O título de mestre será entregue a mim. Contudo, para alcançar essa conquista, alguns agentes foram essenciais no processo (quiçá, a parte mais importante) de aquisição desse título. Dessa forma, agradeço imensamente:

A Deus, primeiramente, pela vida e por ter me concedido saúde e sabedoria para correr atrás dos meus sonhos.

Aos meus familiares, principalmente minha mãe, Josefa, minha irmã, Kátia, meus sobrinhos, Ruan e Luiza, pela paciência com a minha ausência durante este curso, pelo incentivo e por toda ajuda, especialmente a amorosa e a financeira. Além disso, sou grato por serem símbolos de resistência.

Aos meus amigos, que me ajudaram, de forma direta e indireta, e permaneceram na minha vida, apesar de uma certa distância física. Ademais, agradeço, de forma especial, a Islan, David, Brena e José, que estavam sempre dispostos a me ouvir.

Aos amigos que fiz na AeC, empresa onde trabalhei durante a primeira metade do curso, e no residencial que morei. Vocês foram essenciais para a minha permanência.

Aos amigos do mestrado, por tornarem o ambiente acadêmico mais leve, por dividir os receios e pela parceria. Em especial, agradeço à minha dupla do curso, Rebeca Harapuque.

Agradeço, também, à CAPES, pela concessão da bolsa de demanda social, que contribuiu para minha permanência no mestrado.

Aos docentes do PPCL, principalmente os que participaram da banca de qualificação e da defesa, visto que serão essenciais para o meu crescimento acadêmico.

Ao meu orientador, Dr. Cid Ivan da Costa Carvalho, uma das figuras mais importantes da minha trajetória acadêmica, por ter me dado esta oportunidade, por confiar em mim e reconhecer o meu trabalho, pelas inúmeras contribuições ao longo desta etapa e pela paciência diante das minhas falhas.

“Não basta, no entanto, reconhecer a variação. É necessário explicá-la, identificar os fatores que a controlam e inseri-la dentro de um modelo de linguagem.” (Paiva; Duarte, 2006, p. 136).

RESUMO

No Brasil, a variação da concordância verbal é um fenômeno amplamente discutido. Todavia, na região intermediária de Mossoró/RN, localizada no estado do Rio Grande do Norte, não há estudos sobre esse fenômeno sob a ótica da Sociolinguística Variacionista, conforme pesquisas realizadas em repositórios on-line. Nesse cenário, estabelecemos como objetivo geral analisar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala dos informantes da cidade de Olho D'Água do Borges/RN, inclusa na região intermediária de Mossoró/RN. Além de alcançar esse objetivo, tencionamos responder à seguinte questão de pesquisa: quais são os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que mais condicionam a variação da concordância verbal com o uso da primeira pessoa do plural na fala dos informantes selecionados da cidade de Olho D'Água do Borges/RN? Para tanto, teoricamente, embasamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, que é representada, sobretudo, por William Labov (2008 [1972]), maior expoente dessa teoria, além de outros teóricos que, de certa forma, corroboram com essa linha de pensamento proposta, como Preti (1997), Weinreich, Labov e Herzog (2006), Guy e Zilles (2007), Lucchesi (2015), Araújo e Freitag (2021), Coelho et al. (2021), Mollica e Braga (2021), dentre outros. No tocante à metodologia, este trabalho se enquadra, quanto à abordagem, como quanti-qualitativa e, quanto aos objetivos, classificamos como descritiva e explicativa; por último, no tocante ao procedimento técnico de análise, podemos classificar como de campo, porque, para realizar a coleta dos dados, fomos a cidade de Olho D'Água do Borges/RN. Nesse *locus*, realizamos 16 entrevistas sociolinguísticas, fundamentadas no método de Labov (2008 [1972]), estratificadas de acordo com o sexo (masculino e feminino), faixa etária (15-30 e 31-50) e escolaridade (Educação Básica e Ensino Superior). Através dessas entrevistas, foram catalogadas 63 ocorrências das variantes nós/a gente seguidas de verbos. Essas ocorrências foram analisadas pelo programa computacional Jamovi (versão 2.5.6), que utiliza, no teste de qui-quadrado, o nível de significância de 0,05, para a seleção das variáveis independentes significativas. Observamos que, através desse teste, na comunidade de fala ora estudada, a variação da concordância verbal é condicionada apenas pela variável independente da escolaridade. Ademais, percebemos que a concordância verbal com a primeira pessoa do plural é um fenômeno variável no *locus* de pesquisa em tela, assim como a variante a gente é a preferida pelos informantes que realizaram as entrevistas.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; variação da concordância verbal; região intermediária de Mossoró/RN; Olho D'Água do Borges/RN.

RESUMEN

En Brasil, la variación de la concordancia verbal es un fenómeno ampliamente discutido. Sin embargo, en la región intermedia de Mossoró, ubicada en el estado de Rio Grande do Norte, no existen estudios sobre este fenómeno desde la perspectiva de la Sociolingüística Variacionista, según las investigaciones realizadas en repositorios en línea. En este contexto, establecemos como objetivo general analizar, a la luz de los presupuestos teórico-metodológicos de la Sociolingüística Variacionista, los factores lingüísticos y extralingüísticos que condicionan la variación de la concordancia verbal con la primera persona del plural en el habla de los informantes de la ciudad de Olho D'Água do Borges/RN, incluida en la región intermedia de Mossoró/RN. Además de alcanzar este objetivo, nos proponemos responder a la siguiente pregunta de investigación: cuáles son los factores lingüísticos y/o extralingüísticos que más condicionan la variación de la concordancia verbal con el uso de la primera persona del plural en el habla de los informantes seleccionados de la ciudad de Olho D'Água do Borges/RN? Para ello, teóricamente, nos basamos en los presupuestos teórico-metodológicos de la Teoría de la Variación y el Cambio Lingüístico, representada, sobre todo, por William Labov (2008 [1972]), el mayor exponente de esta teoría, además de otros teóricos que, de alguna manera, corroboran esta línea de pensamiento propuesta, como Preti (1997), Weinreich, Labov y Herzog (2006), Guy y Zilles (2007), Lucchesi (2015), Araújo y Freitag (2021), Coelho et al. (2021), Mollica y Braga (2021), entre otros. En cuanto a la metodología, este trabajo se clasifica, en términos de enfoque, como cuantitativa-cualitativa y, en cuanto a los objetivos, como descriptiva y explicativa; por último, en términos del procedimiento técnico de análisis, podemos clasificarlo como de campo, porque, para llevar a cabo la recolección de datos, fuimos a la ciudad de Olho D'Água do Borges/RN. En este lugar, realizamos 16 entrevistas sociolingüísticas, basadas en el método de Labov (2008 [1972]), estratificadas de acuerdo con el sexo (masculino y femenino), el grupo de edad (15-30 y 31-50) y la escolaridad (Educación Básica y Educación Superior). A través de estas entrevistas, se catalogaron 63 ocurrencias de las variantes nós/a gente seguidas de verbos. Estas ocurrencias fueron analizadas mediante el programa computacional Jamovi (versión 2.5.6), que utiliza, en la prueba de chi-cuadrado, un nivel de significancia de 0,05 para la selección de las variables independientes significativas. Observamos que, a través de esta prueba, en la comunidad de habla estudiada, la variación de la concordancia verbal está condicionada únicamente por la variable independiente de la escolaridad. Además, notamos que la concordancia verbal con la primera persona del plural es un fenómeno variable en el locus de investigación en cuestión, así como la variante a gente es la preferida por los informantes que realizaron las entrevistas.

Palabras clave: sociolingüística variacionista; variación de la concordancia verbal; región intermedia de Mossoró/RN; Olho D'Água do Borges/RN.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Resultados gerais sobre o uso de concordância verbal em Serra Talhada	19
Gráfico 2 – Eixo horizontal e vertical	34
Tabela 1 – Representação dos condicionantes linguísticos e extralinguísticos	36
Quadro 1 – Variáveis favorecedoras e desfavorecedoras da concordância verbal	44
Quadro 2 – Estratificação dos informantes	51
Figura 1 – Regiões geográficas intermediárias do Rio Grande do Norte	52
Figura 2 – Localização de Olho D'Água do Borges/RN	53
Figura 3 – Planejamento de uso do tempo no roteiro da entrevista sociolinguística	55
Gráfico 3 – Percentual da concordância verbal com a primeira pessoa do plural	59
Gráfico 4 – Uso das variantes <i>nós</i> e <i>a gente</i>	61
Tabela 2 – Resultados da variável dependente em função da variável escolaridade	62
Gráfico 5 – Resultados da variável dependente em função da variável escolaridade	63
Tabela 3 – Resultados da variável dependente em função da variável sexo	65
Tabela 4 – Resultados da variável dependente em função da variável faixa etária	66

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PB – Português Brasileiro

RN – Rio Grande do Norte

CV – Concordância Verbal

OD – Objeto Direto

P6 – Pessoa Seis

PA – Pará

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PPCL – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem

POS – Posposto

ANT – Anteposto

MAIS H – Mais Humano

MENOS H – Menos Humano

C – Caraúbas

O – Olho D'Água do Borges

F1 – Faixa etária 1

F2 – Faixa etária 2

S – Ensino Superior

B – Educação Básica

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
2 ESTADO DA ARTE.....	18
3 A SOCIOLINGUÍSTICA: UM PANORAMA GERAL	24
3.1 Conceitos introdutórios.....	26
3.1.1 Variação linguística	26
3.1.2 Variedade linguística.....	33
3.1.3 Variável linguística	35
3.1.4 Variante linguística	37
4 A CONCORDÂNCIA VERBAL.....	39
5 PERCURSO METODOLÓGICO	46
5.1 Caracterização da pesquisa	46
5.2 Os informantes.....	50
5.3 Delimitação do <i>locus</i> da pesquisa	51
5.4 Constituição do <i>corpus</i>	53
5.5 Os procedimentos de análise dos dados.....	57
6 ANÁLISE E RESULTADOS DO <i>CORPUS</i>.....	59
6.1 A variação linguística da concordância verbal com a primeira pessoa do plural	59
6.2 Análise da variação da concordância verbal em função da variável independente escolaridade.....	62
6.3 Variáveis extralinguísticas estatisticamente não significativas	64
6.4 Variáveis linguísticas estatisticamente não significativas	66
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE A – Ficha social do informante.....	73
APÊNDICE B – Roteiro.....	74

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Linguística, até a década de 1960, descrevia as unidades como os fonemas, morfemas, palavras e sentenças, enquadrando os estudos em teorias linguísticas estruturalistas e gerativistas, representadas, sobretudo, por Saussure e por Noam Chomsky, respectivamente. Nessa época, com o intuito de estudar a língua considerando os aspectos linguísticos e sociais (Mollica, 2021), surge a Sociolinguística (conhecida também como Sociolinguística Laboviana, Sociolinguística Quantitativa, Teoria da Variação e Mudança Linguística), especificamente com os trabalhos de Labov, de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright, publicada em 1966 (Cezario; Votre, 2021).

A Sociolinguística estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos (Coelho *et al.*, 2015). Nesse campo da linguística, a língua é entendida como objeto heterogêneo, concebida, portanto, como uma unidade passível de variação, “no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo” (Mollica, 2021, p. 9). A heterogeneidade da língua, por sua vez, está relacionada às variáveis estruturais e sociais.

No tocante à variação linguística, Coelho *et al.* (2015, p. 16) asseveram que esse fenômeno diz respeito ao “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. A partir dessa assertiva, entendemos que a Língua Portuguesa, como qualquer língua, é suscetível à variação, à mudança.

Como observam Cezario e Votre (2021) as variações são entendidas como inerentes à língua, ou seja, todas as línguas do mundo apresentam variações, porque os falantes integram comunidades situadas numa sociedade multifacetada, não havendo, portanto, a possibilidade de termos uma língua homogênea e imutável. A variação ocorre em diversas variáveis, que são inseridas nos níveis linguísticos, como a concordância verbal com a primeira pessoa do plural, que será estudada neste trabalho.

No que se refere à concordância verbal, Vieira (2018), citando um estudo realizado anteriormente, pontua que há inúmeros fatores condicionantes, como, por exemplo, a posição do sujeito em relação ao verbo, a distância entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo, a animacidade do sujeito (fatores linguísticos), localidade, faixa etária, escolaridade (fatores extralinguísticos).

Em linhas gerais, a concordância verbal diz respeito à relação sintática entre o sujeito e o verbo, concordando em número e pessoa (Cunha; Cintra, 2016). Para esses autores, somam-

se às regras gerais inúmeras outras, como *expressões partitivas* e de *quantidades aproximadas*, o *pronome relativo que e quem*, o *sujeito é um plural aparente*, *concordância com o verbo ser*, entre outras.

Nas aulas de Língua Portuguesa, a concordância verbal é um dos assuntos mais trabalhados e, também, valorizados pelos professores. Dessa forma, quando os discentes não realizam a concordância, de acordo com a forma entendida como correta e única para algumas gramáticas tradicionais e para uma parcela da população elitizada, há julgamentos, de modo a estigmatizar as variações que fogem ao padrão.

Contudo, é pertinente pontuar que essas percepções estão em desacordo com os estudos linguísticos, sobretudo, os da Sociolinguística. Destarte, quando nos referimos a Língua Portuguesa, no lugar de reduzi-la às regras gramaticais, devemos englobar “[...] os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes” (Alkmim, 2012, p. 35) e considerar que as variações não devem ser encaradas como problemas (a depender do contexto), porque não há apenas uma forma linguística de usar a língua.

Na literatura, há múltiplas abordagens concernentes à concordância verbal, à luz, inclusive, da Sociolinguística, como bem apontam Lucchesi (2015) Araújo e Freitag (2021). O primeiro autor, analisando a variação no uso da regra de concordância verbal com a terceira pessoa do plural de falantes de quatro bairros da cidade de Salvador, constata que a variação desse fenômeno é mais condicionada por fatores linguísticos.

Araújo e Freitag (2021) asseveram que a concordância verbal é entendida como um fenômeno variável no Português Brasileiro (PB), ou seja, a regra de concordância verbal pode ser concretizada ou não pelo usuário da língua, em função de diversos fatores, tanto de cunho linguístico quanto extralinguístico. Na pesquisa ora mencionada, as autoras analisaram, dentre as possibilidades de condicionantes, a localização dos falantes.

No entanto, na região intermediária de Mossoró, localizada no Rio Grande do Norte, com base em pesquisas realizadas em repositórios on-line, não encontramos estudos sobre esse fenômeno, à luz da Sociolinguística. Nesse sentido, esperamos que esta pesquisa contribua para o desenvolvimento de novos estudos na região intermediária de Mossoró/RN, ressaltando, desse modo a relevância desse fenômeno nessa comunidade de fala.

Dessa forma, as inquietações para realização desta pesquisa surgiram, inicialmente, pela necessidade de proporcionar uma nova abordagem aos estudos da concordância verbal, especificamente na região intermediária mencionada, de modo a apresentar contribuições para essa seara do conhecimento e, conseqüentemente, para o ensino de gramática.

Instigaram-nos, também, depoimentos de ex-alunos da Educação Básica que se propagam dentro das universidades, os quais frisam que não tiveram orientações sobre as variações linguísticas, nem que tais “desvios” eram naturais e aceitáveis em algumas situações comunicativas. Assim, quando ingressam no Ensino Superior, começam a construir conhecimentos sobre essa temática, entendendo que, além de ser um fenômeno inerente às línguas, há fatores condicionantes para ocorrer as variações, tanto linguístico quanto extralinguístico.

A comungar com esse pensamento, Faraco (2008, p. 180) afirma que

[...] o grande desafio, neste início de século e milênio, é reunir esforços para construir uma pedagogia da variação linguística que não escamoteie a realidade linguística do país (reconheça-o como multilíngue e dê destaque crítico à variação social do português); não dê tratamento anetódico ou estereotipado aos fenômenos da variação; localize adequadamente os fatos da norma culta/comum/standard no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que a pressupõem; abandone criticamente o cultivo da norma-padrão; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação.

A partir do excerto, notamos que, apesar dos avanços alcançados, ainda há um longo caminho a ser percorrido nessa seara do conhecimento, uma vez que a variação linguística ainda não é tratada, na maioria das vezes, de forma assídua e correta. Todavia, a escola é um dos principais lugares para desenvolver uma mentalidade linguística diferente, deixando claro que a língua não é uniforme, estanque, mas, sim, passível de variação. Ademais, é oportuno destacar que não basta reconhecer a variação, é imprescindível, além de explicá-la, identificar os fatores que a controlam e inseri-la dentro de um modelo de linguagem (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Levando em consideração as discussões levantadas nesta introdução, quanto ao problema de pesquisa, propomo-nos a responder à seguinte indagação: *Quais são os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que mais condicionam a variação da concordância verbal com o uso da primeira pessoa do plural na fala dos informantes selecionados da cidade de Olho D'Água do Borges/RN?*

Para responder a tal questionamento, objetivamos analisar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala dos informantes da cidade de Olho D'Água do Borges/RN. Desse objetivo geral, derivam-se quatro objetivos específicos:

- Coletar os dados, através de entrevistas sociolinguísticas, na região intermediária de Mossoró/RN;

- Identificar as sentenças que apresentam o uso e/ou ausência da concordância verbal com a primeira pessoa do plural;

- Descrever os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural;

- Apresentar os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que mais interferem na concordância verbal com a primeira pessoa do plural.

Para tanto, embasamo-nos, quanto aos pressupostos teóricos-metodológicos, na Teoria da Variação e Mudança Linguística, que é representada, sobretudo, por William Labov (2008 [1972]), maior expoente dessa teoria, além de outros teóricos que, de certa forma, corroboram com essa linha de pensamento proposta, como Preti (1997), Weinreich, Labov e Herzog (2006), Guy e Zilles (2007), Coelho *et al.* (2021), Mollica e Braga (2021).

No que tange à metodologia, para realizar as análises, realizamos entrevistas sociolinguística com os falantes do Português Brasileiro da cidade de Olho D'Água do Borges/RN, levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos. Após realizar as entrevistas, analisamos a fala espontânea dos informantes, a fim de auferir os nossos objetivos e responder à questão norteadora.

Por fim, retoricamente, além deste capítulo introdutório, este trabalho se estrutura da seguinte maneira: no segundo capítulo, apresentamos o estado da arte; em seguida, traçamos um panorama geral da Sociolinguística e apresentamos alguns conceitos introdutórios comumente utilizados na Sociolinguística Variacionista; depois, no quarto capítulo, focamos no nosso objeto de estudo, a concordância verbal; no quinto capítulo, por sua vez, são apresentados os procedimentos metodológicos que foram traçados, além de caracterizar a pesquisa, apresentar os informantes, delimitar o local de pesquisa e o *corpus*; depois, descrevemos e analisamos os resultados das entrevistas; por último, tecemos os comentários finais.

2 ESTADO DA ARTE

Neste capítulo, apresentamos o estado da arte, que visa, em linhas gerais, fazer um levantamento de pesquisas realizadas sobre uma determinada área. Ademais, vale destacar que essa ferramenta “[...] não se restringe a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas ” (Vosgerau; Romanowski, 2014, p. 171).

Desse modo, focamos, aqui, em pesquisas sobre a concordância verbal, especificamente com a primeira pessoa do plural, à luz da Sociolinguística. Para tanto, selecionamos cinco artigos publicados entre 2018-2024, de autores que possuem, no mínimo, mestrado acadêmico, a fim de traçar um panorama contemporâneo sobre os estudos da concordância verbal. Além disso, esse levantamento proporcionou o conhecimento das principais variáveis independentes que influenciam a variação da concordância verbal.

A primeira pesquisa selecionada, de Silva e Santos (2018), visa analisar a influência da variável independente extralinguística escolaridade no processo de variação de concordância verbal na língua usada no sertão pernambucano, à luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista. Nesta, três níveis de escolaridade são levados em consideração, a saber: ensino fundamental, ensino médio e o ensino superior. Dessa forma, os interesses das autoras é verificar quais desses níveis propiciam a manutenção da marca da regra de concordância verbal.

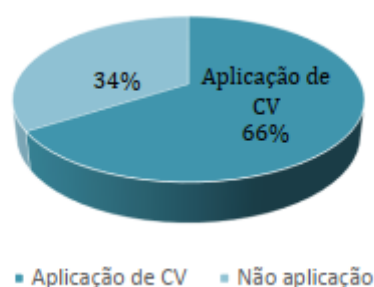
No decorrer da pesquisa, as autoras destacam que, no Português Brasileiro, a concordância verbal configura-se como um fenômeno altamente variável. Assim, partem da hipótese de que há a possibilidade de haver a presença ou ausência da marca de concordância verbal, sendo condicionada tanto por fatores linguísticos, como a saliência fônica, a natureza do sujeito e a distância do sujeito e o verbo, quanto por fatores extralinguísticos, como a escolaridade, a faixa etária e o sexo.

Essa pesquisa faz um recorte dos resultados obtidos no projeto “a língua falada em Serra Talhada: um estudo variacionista sobre a concordância verbal”, desenvolvido na Universidade Federal Rural do Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, entre os anos de 2013 a 2016. Nesse recorte, foram selecionadas entrevistas sociolinguísticas e narrativas de 54 informantes naturais de Serra Talhada ou que vivem nessa localidade há mais de cinco anos, sendo estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e a faixa etária (15 a 29 anos, 30 a 44 anos e mais de 44 anos). As entrevistas sociolinguísticas e as narrativas tiveram a duração entre quatro a dez minutos.

As narrativas abordavam três temas, comuns a todos os informantes do estudo analisado. No primeiro tema, o informante iria discutir, de forma geral, temas relacionados à cidade, à educação ou à política. O segundo tema, por sua vez, é intitulado “perigo de vida”, com vistas a proporcionar o envolvimento emocional do entrevistado. Por último, o terceiro tema corresponde à família, em que o informante poderia falar da importância da família, da sua relação com os demais membros da família etc.

No tocante à análise dos dados, é apresentado o seguinte gráfico.

Gráfico 1 – Resultados gerais sobre o uso de concordância verbal em Serra Talhada.



Fonte: Silva e Santos (2018, p. 134)

Nesse gráfico, é exposta a presença da aplicação da regra de CV, com um percentual de 66%, assim como a não aplicação da regra de CV, totalizando 34%, respectivamente. Assim, os resultados mostram que houve variação no uso da CV na língua falada em Serra Talhada, mas que a manutenção da marca de CV ainda se sobressaiu em relação à não aplicação da regra.

Das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas nesse estudo, a variável linguística natureza do sujeito foi considerada a mais relevante no uso da variação das marcas de concordância verbal na comunidade de fala de Serra Talhada, seguida pelas variáveis escolaridade, faixa etária, saliência fônica e sexo.

Vitório (2018) analisa dados de língua falada do sertão alagoano e defende que as variantes linguísticas possuem o mesmo valor de verdade ou representacional, mas podem diferir quanto às avaliações sociais. Dessa forma, é realizado um estudo sobre as avaliações sociais que são dadas às variantes linguísticas que não apresentam a regra de concordância verbal, tanto na forma *nós* quanto na forma *a gente*.

Na pesquisa, busca-se descrever a percepção e as atitudes linguísticas de informantes do sertão alagoano em relação à concordância verbal associada ao uso dos pronomes *nós* – *nós* + primeira pessoa plural (*nós estudamos muito*) e *nós* + terceira pessoa singular (*nós estuda muito*) – e *a gente* – *a gente* + terceira pessoa singular (*a gente estuda muito*) e *a gente* + primeira pessoa plural (*a gente estudamos muito*). O objetivo do estudo é, consequentemente,

mensurar as normas subjetivas dos falantes, com o intuito de identificar se há atitudes positivas ou negativas em relação à concordância verbal associada ao uso dessas variantes e qual delas é a mais prestigiada e/ou estigmatizada no sertão alagoano.

Para tanto, traçou-se um percurso metodológico, que tem como primeira etapa a preparação dos estímulos, em que foi feita a gravação das entrevistas com quatro informantes, dois homens e duas mulheres, nascidos e criados no sertão alagoano e que estavam cursando o ensino superior na Universidade Federal de Alagoas. Em seguida, foi elaborado o instrumento de coleta de dados, com seis questões para cada falante. “Participaram do teste 64 informantes, nascidos e criados nas regiões que compõem o sertão de Alagoas, com idades entre 18 e 34 anos e que estavam cursando o ensino superior na referida universidade” (Vitório, 2018, p. 145). Por último, a aplicação do questionário, respondido por 16 participantes de forma coletiva. Estes, inicialmente, preencheram uma ficha social; depois, ouviram os áudios e receberam as respectivas instruções a respeito de como responder ao questionário. Por fim, assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

No que se refere à análise e resultados, os dados extraídos mostram que, quanto ao critério formalidade, os informantes afirmam que uma pessoa que faz o uso do *nós* + terceira pessoa singular não é formal, enquanto que os que realizam a forma *nós* + primeira pessoa plural é formal, ou seja, essa segunda variante expressa mais formalidade. Para o critério escolaridade, os dados apontam que o uso da variante linguística *nós* + primeira pessoa plural é associada a pessoas que possuem um grau de escolaridade mais elevado, mas a forma *nós* + terceira pessoa singular sugere um julgamento neutro.

No que diz respeito a falar bem, terceiro critério, os resultados indicam que as pessoas que utilizam a forma considerada padrão, *nós* + primeira pessoa plural, falam melhor do que quem usa *nós* + terceira pessoa singular. Semelhante a esse resultado, no critério falar bonito, há uma avaliação positiva para quem usa a forma considerada padrão e, por outro lado, uma avaliação negativa para quem utiliza a forma *nós* + terceira pessoa singular. Quanto ao último critério (rural/urbano), a autora expõe que ambas as formas são usadas nessas duas áreas, mas a variante *nós* + terceira pessoa singular é mais utilizada por pessoas da zona rural.

No que tange à forma *a gente*, em relação especificamente ao critério de formalidade, os informantes julgam de forma neutra a utilização dessa variante linguística + terceira pessoa singular, mas avaliam de forma negativa a utilização da variante em *tela* + primeira pessoa plural, sendo, portanto, menos formal. No quesito escolaridade, a forma considerada mais formal, também é julgada como comum no meio de pessoas que são mais escolarizadas.

O critério falar bem, por seu turno, traz resultados que indicam que os falantes que utilizam o *a gente* + terceira pessoa singular falam bem, e avaliam de forma negativa o *a gente* + primeira pessoa plural. Esses resultados se repetem no critério falar bonito, uma vez que são critérios semelhantes. Por fim, o critério rural/urbano, os falantes julgam que a variante *a gente* + primeira pessoa singular é mais utilizada na área rural do que na área urbana, assim como ocorreu com a variante linguística *nós* + terceira pessoa singular.

Araújo e Carmo (2019), sob ótica da Sociolinguística Variacionista, estudaram a concordância verbal com a primeira pessoa do plural no continuum da Bahia, levando em consideração a influência de fatores socioculturais e estruturais. Para tanto, levantaram-se os dados através de entrevistas sociolinguísticas, realizadas pelo projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano*, considerando as seguintes variáveis independentes: realização e posição do pronome sujeito; saliência fônica; nível de referencialidade do sujeito; composição do sujeito; tipo de discurso; tipo de texto; tempo verbal, sexo, faixa etária, escolaridade e comunidade.

Os resultados demonstram que, de forma geral, as marcas de CV são ausentes frequentemente na fala popular e, na fala culta, não há variações. É destacado, dessa forma, que o apagamento das marcas de números nas formas verbais está ligado à pouca escolarização e à cultura popular/rural. Já a variável realização e posição do sujeito, com realização anteposta imediatamente ao verbo, atuou como favorecedora para realização da CV, assim como a saliência fônica. Por outro lado, o fator posposição de sujeito atua como desfavorecedor da regra de CV.

Silva e Vitória (2020) realizaram um mapeamento das ocorrências de CV realizada com o pronome de primeira pessoa do plural (*nós*), no sertão de Alagoas, à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística, a fim de analisar se existem variações desse fenômeno na fala dos sertanejos alagoanos. Ademais, assim como as pesquisas exploradas anteriormente, os fatores linguísticos e extralinguísticos também foram levados em consideração, sendo encarados, então, como fatores que podem interferir no processo de variação.

Para o tratamento do fenômeno da concordância verbal, os dados foram extraídos do banco de dados do projeto *A Língua Usada no Sertão Alagoano* (Lusa), que utilizou o método de entrevistas sociolinguísticas. Foram realizadas 96 entrevistas com informantes do sertão de Alagoas, estratificadas em três variáveis, a saber: sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (15-29 anos, 30-44 anos, acima de 44 anos) e escolaridade (analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior).

Feita essa explanação geral, é pertinente destacar que, nessa pesquisa, a variável dependente é a concordância verbal com a primeira pessoa do plural, e as variantes dessa variável são as seguintes combinações: *nós* + primeira pessoa plural e *nós* + terceira pessoa singular.

A análise desse fenômeno, que utilizou o programa computacional GoldVarb X, permitiu constatar que, das 196 realizações de concordância verbal obtidas, 147 foram do pronome *nós* + primeira pessoa plural e 49 realizações do *nós* + terceira pessoa singular. Esses dados mostram, portanto, que os falantes do sertão de Alagoas “preferem” a primeira variante mencionada, predominando o uso do morfema padrão, -mos.

Quanto às variáveis independentes, dos fatores controlados para analisar as ocorrências das variantes *nós* + primeira pessoa plural e *nós* + terceira pessoa singular na concordância verbal na fala dos sertanejos alagoanos, “três foram considerados estatisticamente significativos pelo programa computacional GoldVarb X, por ordem de relevância, são eles: escolaridade, saliência fônica e explicitude do sujeito” (Silva; Vitória, 2020, p. 69). Em virtude disso, fica evidente que a variação não acontece de forma aleatória, mas, sim, motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

A última pesquisa selecionada, Souza (2021), apresenta um estudo da concordância verbal com o pronome *nós* na fala dos quilombolas, sem escolarização, da comunidade de Serra das Viúvas, em Água Branca, no interior de Alagoas. Nesta, seguindo os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, objetiva-se descrever e analisar o comportamento linguístico dessa comunidade de fala.

A amostra desse estudo, por sua vez, foi estratificada conforme dois grupos de fatores extralinguísticos: sexo/gênero (masculino/feminino) e faixa etária (F1-25 a 50 anos/F2-60 anos em diante). O *corpus* dessa pesquisa é composto por 20 entrevistas, extraídas do banco de dados do projeto *A Língua Usada no Sertão Alagoano* (LUSA), coordenado pela Profa Dra Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória, citada anteriormente neste estado da arte.

Os resultados dessa análise mostram que os falantes da comunidade de fala selecionada têm um comportamento linguístico variável no que diz respeito à aplicação concordância verbal com a primeira pessoa do plural. Das 184 ocorrências registradas pelo programa computacional GoldVarb X, 132 foram da combinação do pronome *nós* + terceira pessoa singular, representando, assim, um percentual de 72% dos dados, enquanto que a combinação de *nós* + primeira pessoa plural foi realizada apenas em 52 ocorrências, totalizando, dessa forma, a marca de 28% dos dados. Observa-se, assim, a “preferência” da comunidade pela variante *nós* + terceira pessoa singular.

Para realizar essa análise, a autora selecionou alguns fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a realização do fenômeno em tela, a saber: saliência fônica, posição do sujeito, elementos intervenientes entre sujeito e verbo, explicitação do sujeito, paralelismo discursivo, sexo/gênero e faixa etária. Desse grupo de fatores, apenas dois foram considerados estatisticamente significativos: o paralelismo discursivo (interno à língua) e o sexo/gênero (externo à língua).

Considerando o levantamento bibliográfico apresentado neste capítulo, convém afirmar que, em linhas gerais, a concordância verbal, no Português Brasileiro, é um fenômeno predominantemente variável. Além disso, notamos que a variação da CV é condicionada tanto por fatores de ordem linguística quanto por fatores de ordem social, corroborando, assim, com a literatura da área.

Os textos resenhados, além de apresentarem a variação da concordância verbal de forma geral, apresentam, ainda, de forma específica, que temos as variantes linguísticas *nós* e *a gente* e, inseridas nessas formas, ainda há outras variantes linguísticas, como *nós* + primeira pessoa plural (mais aceitável) e *nós* + terceira pessoa singular (estigmatizada), assim como *a gente* + terceira pessoa singular (mais aceitável) e *a gente* + primeira pessoa plural (estigmatizada), conforme Vitório (2018).

Visando, portanto, ampliar os estudos da concordância verbal, a nossa pesquisa debruça-se nesse fenômeno, abordando, sobretudo, a CV com a primeira pessoa do plural, a fim de constatar, inicialmente, como se dá esse fenômeno na região intermediária de Mossoró/RN, assim como identificar as variantes linguísticas utilizadas e os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa variação.

Não obstante, antes de nos debruçarmos na análise desse fenômeno, faremos, no capítulo seguinte, uma discussão teórica sobre a Sociolinguística e alguns conceitos-chave dessa seara do conhecimento.

3 A SOCIOLINGUÍSTICA: UM PANORAMA GERAL

No campo dos estudos da linguagem, falar sobre surgimento é “perigoso”, uma vez que abre espaço para um relativismo no que diz respeito às origens fundantes de uma área. Todavia, na literatura, há consenso de que a Sociolinguística se firmou na década de 1960, especificamente com as pesquisas de Labov, de Gumperz e Dell Hymes e com a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright, publicada em 1966 (Cezario; Votre, 2021).

A Sociolinguística, como foi mencionado na introdução, estuda a relação entre a língua e a sociedade. Nas palavras de Freitag (2017, p. 11), “a Sociolinguística Variacionista, ou Teoria da Variação e Mudança, é uma abordagem proposta por William Labov para explicar a covariação sistemática entre língua e sociedade”.

Consoante esse pensamento, Alkmim (2012) afirma que é inquestionável a relação que há entre a linguagem e a sociedade. Ademais, destaca que essa relação é a base da constituição do ser humano. Dessa forma, a língua, por ser considerada uma instituição social, “não pode ser estudada de forma autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (Cezario; Votre, 2021, p. 141).

A comungar com essa visão, Mollica (2021, p. 9) define a Sociolinguística como

[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso numa comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Dessa forma, fica evidente que os pesquisadores que começaram a construir essa teoria tinham o interesse de se opor à ideia que a língua é homogênea, concebida no Estruturalismo e Gerativismo, entendendo-a, pois, como intrinsecamente heterogênea. Pensamos em heterogeneidade porque há diversas línguas no mundo e, de forma específica, dentro de uma mesma língua, há uma variedade imensa de formas variantes. Para tanto, pensemos, por exemplo, nas variedades linguísticas que existem entre os estados do Brasil, na diferença que há entre os falares das pessoas das capitais e os que vivem nos interiores, entre os moradores da zona urbana e zona rural etc.

Essa variabilidade é vista nos diversos níveis linguísticos. Mollica (2021) apresenta inúmeros exemplos, como o pronome “tu”, que é utilizado como mais constância no sul do país,

em detrimento ao “você”, utilizado em massa nas outras regiões. Outro exemplo é a variação que ocorre nas variáveis de concordância nominal e verbal. Tomemos como exemplo as seguintes sentenças apresentadas pela autora mencionada: “os estudos sociolinguísticos” e “eles estudam Sociolinguística”. Essas ocorrências com marcas de concordância coexistem com outras em que tais marcas estão ausentes, como em “os estudo sociolinguístico” e em “eles estuda Sociolinguística”.

Assim, é interessante pensar que a língua não é, como muitos acreditam, uma entidade imutável e estanque (Coelho *et al.*, 2021). Longe disso, todas as línguas que estão vivas são maleáveis, dinâmicas, uma vez que apresentam variações e estão em constantes mudanças, atingindo os níveis linguísticos, como fonológico, fonético, morfológico, sintático, dentre outros.

Não obstante, apesar de considerar a língua como heterogênea, é pertinente deixar claro que, para os estudiosos da Sociolinguística, como Labov (2008), essa heterogeneidade é estruturada, sistemática, uma vez que há regras, visto que não são todas as formas linguísticas que podem substituir as variantes, desconstruindo, portanto, a visão, que perpassa até hoje, da variação como caótica, aleatória, desprovida de qualquer regularidade (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Em virtude disso, os indivíduos, apesar das variações, diversidades linguísticas, são capazes de se comunicar perfeitamente.

A título de esclarecimento, Coelho *et al.* (2015, p. 59) asseveram que

[...] enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, que sempre se aplicam da mesma maneira, a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico.

No tocante às regras categóricas, os autores mencionados acima citam o exemplo da colocação do artigo em relação ao nome que ele determina. Nesse caso, o artigo sempre antecede o nome, como em ‘a vaca’, mas nunca ‘vaca a’. A Sociolinguística considera essas regras, mas não o são seu foco principal – o interesse maior dessa subárea da linguística são as regras variáveis da língua, aquelas que nos permitem utilizar mais de uma forma linguística, levando em consideração o contexto situacional. No entanto, é importante destacar que “a regra variável é uma regra gramatical, e, sendo assim, não é qualquer forma linguística que pode assumir o papel de uma das variantes, uma vez que elas sofrem restrições do próprio sistema linguístico” (Coelho *et al.*, 2015, p. 60).

Essa discussão abre espaço para muitos comentários equivocados. Quando os linguistas optam por escolher o termo adequado/inadequado, em detrimento ao certo/errado, muitas pessoas passam a acreditar que se torna um “vale tudo”. Marcos Bagno, no livro *Preconceito Linguístico*, alargando essa discussão, destaca que, de fato, “vale tudo”, mas há muitas ressalvas dentro desse “vale tudo”. É preciso estar “no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas, e mesmo no lugar errado, no contexto errado e com as pessoas erradas, se a intenção do falante for precisamente se contrapor à ordem estabelecida, às normas sociais convencionais” (Bagno, 2015, p. 184).

Desse modo, é pertinente pensar que há uma necessidade de se adequar ao propósito comunicativo. Quando utilizamos a língua, seja na modalidade oral ou na escrita, tendemos a nos adequar à situação comunicativa que nos encontramos: se é uma situação formal, utilizaremos uma linguagem mais formal; se é uma situação descontraída, uma linguagem informal, e essa lógica se repete em qualquer situação, a depender do objetivo dos interlocutores (Bagno, 2015).

Para fechar esse parêntesis, Bagno (2015, p. 185) esclarece que é

Totalmente inadequado, por exemplo, fazer uma palestra num congresso científico usando gírias, expressões marcadamente regionais, palavrões etc. A plateia dificilmente aceitará isso. É claro que se o objetivo do palestrante for precisamente chocar seus ouvintes aquela linguagem será muito adequada... Não é adequado que um agrônomo se dirija a um lavrador analfabeto usando uma terminologia altamente técnica e especializada, a menos que queira não se fazer entender (e se for esse o seu objetivo, sua fala será plenamente “adequada” à sua intenção). Como sempre, tudo vai depender de quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por que e visando que efeito...

Feitos esses primeiros comentários acerca da Sociolinguística, é fulcral, também, fazer algumas considerações sobre alguns conceitos-chave da Sociolinguística. Desse modo, no próximo tópico, apresentaremos esses conceitos.

3.1 Conceitos introdutórios da Sociolinguística

Em pesquisas que se filiam à Teoria da Variação e Mudança Linguística, é imprescindível a discussão de variação linguística, variedade linguística, variável linguística e variante linguística.

3.1.1 Variação linguística

No tocante à variação linguística, Coelho *et al.* (2015, p. 16) pontuam que esse fenômeno diz respeito ao “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Assim, falamos em variação linguística quando, em um mesmo contexto, é viável utilizar uma ou outra forma linguística, sem que comprometa o sentido do texto. Inclusive, Labov (2008, p. 221), destaca que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa”. Dessa forma, fica evidente que a variação não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico.

Essa assertiva vai de encontro à noção de variação linguística como caótica, aleatória, desprovida de qualquer regularidade. Sobre esse debate, Weinreich, Labov e Herzog (2006) trazem à tona uma concepção inovadora, visto que apresentam a ideia de heterogeneidade ordenada, permitindo atribuir à variação um caráter sistemático e controlado, que até então estava sendo negado.

Outro ponto essencial relacionado à variação linguística é que esse fenômeno não se limita ao nível lexical, englobando, portanto, os outros níveis linguísticos, como o fonológico, morfológico, morfossintático, sintático, discursivo.

A variação lexical, comumente, é associada à variação regional, motivada, portanto, conforme a região, como mencionado nos exemplos de Coelho *et al.* (2021): *abóbora, jerimum; pão francês, pão de trigo, cacetinho, filãozinho; vaso, bacio, privada etc.* Além desses, vemos esse fenômeno também em *urina, mijó, xixi*, que são utilizados diariamente.

A variação fonológica pode ser vista através de diversos fenômenos do português brasileiro, como a despalatização, a monotongação objeto de estudo de Rodrigues (2020). Coelho *et al.* (2021) menciona o fenômeno da monotongação, apresentando diversas palavras do nosso léxico, como *couve, cenoura, caixa, beijo, peixe, primeiro*, dentre outras. Nesses exemplos, há a possibilidade do apagamento da semivogal, transformando um ditongo decrescente em monotongo: *cove, cenora, caxa, bejo, pexe, primero*.

Para apresentar a variação morfológica, ou seja, alteração que ocorre na interface desses níveis, recorremos ao caso do gerúndio, em que temos o fenômeno fonológico da assimilação. Para tanto, pensemos nos seguintes exemplos: *andando ~ andano; pulando ~ pulano*. Nesses exemplos, notamos que o morfema *-ndo* passa a ser realizado como *-no*, havendo, portanto, a queda do fonema /d/. Nesse caso, há uma variação no âmbito do fonema e do morfema, englobando dois níveis gramaticais, sendo considerado, pois, um caso de interface (Coelho *et al.* 2021).

Por outro lado, “se a variável escolhida for [...] a alternância entre os pronomes ‘tu’ e ‘você’ ou entre ‘nós’ e ‘a gente’ [...] temos um caso de variação morfológica e não um caso de interface” (Coelho *et al.* 2021, p. 28).

Outra situação de interface pode ser vista na concordância entre pronome e verbo, como, por exemplo, na terceira pessoal do plural: *eles anda*. Nesse caso de variação da concordância verbal, como envolve pronome e verbo, denominamos de variação morfossintática (Coelho *et al.* 2021). Esse exemplo apresenta uma relação estreita com a nossa pesquisa, uma vez que iremos analisar a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural. Dessa forma, nosso estudo se enquadra também na variação morfossintática da língua.

No tocante à variação sintática, Coelho *et al.* (2021), citando Tarallo, menciona a variação nas orações relativas e a posição do clítico em relação ao verbo, como em “eu vi-o no cinema”/ “eu o vi no cinema”. Nesses exemplos, temos os casos de ênclise (posição pós-verbal) e próclise (posição pré-verbal), respectivamente. Omena e Duarte (2021) frisam que a função dos termos na oração pode influenciar a realização de uma variável, dentre os fatores de natureza sintática.

Além dos fenômenos variáveis no âmbito do léxico e dos níveis gramaticais, o nível de análise pode ser expandido para além da frase, conforme Coelho *et al.* (2021), abrangendo, pois, o nível discursivo. Assim, os autores mencionados apresentam fenômenos variáveis na dimensão textual/discursiva. A fim de exemplificar, são apresentadas as conjunções (‘e’, ‘mas’, ‘porque’, ‘portanto’ etc.), as expressões adverbiais (‘aí’, ‘assim’, ‘afinal’, ‘então’, ‘consequentemente’ etc.), assim como os marcadores discursivos (‘quer dizer’, ‘digamos assim’ etc.), dentre outros, usados tanto na fala quanto na escrita.

Após a descrição dos níveis linguísticos em que a variação pode ocorrer, é oportuno destacar que a variação não ocorre de forma arbitrária, pois há forças dentro e fora da língua que condicionam determinadas escolhas, ou melhor, existem fatores internos e fatores externos à língua que determinam as escolhas linguísticas dos falantes.

No primeiro caso, são também chamados de condicionadores *linguísticos*. Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores *extralinguísticos*. Entre os condicionadores extralinguísticos de natureza social, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante. (Coelho *et al.*, 2015, p. 20).

Para esses autores, os condicionadores são os fatores que regulam a escolha do falante entre uma ou outra forma linguística, ou melhor, entre uma ou outra variante. Acerca dessas duas classes de condicionadores, Chaibe (2016, p. 42) destaca que os fatores linguísticos são aqueles que

[...] emergem de dentro da língua, são internos à língua e se caracterizam no nível do significante e do significado, são de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica, discursiva, lexical, fonomorfossintática; e os extralinguísticos, que emergem de fora da língua e envolvem fatores do perfil social do indivíduo, como sexo e etnia, fatores sociais, como escolaridade, renda, profissão e classe social, e fatores contextuais, como o grau de formalidade das interações que ele participa.

Sob ótica dos fatores intralinguísticos, assim como os fenômenos variáveis, os condicionadores que influenciam as variáveis podem ser de diferentes níveis linguístico, como o fonético-fonológico, morfológico, sintático, dentre outros.

Como já apresentamos os níveis linguísticos em que ocorrem as variações e mencionamos os níveis de condicionadores internos, olharemos a variação, a partir deste momento, sob ótica externa, apresentando os tipos de variação linguísticas e os condicionadores externos. Para tanto, recorreremos teoricamente à Coelho *et al.* (2021), uma vez que esse estudo apresenta alguns tipos de variação linguística.

Todavia, antes de descrevermos esses tipos de variação, é importante salientar que tal separação é meramente didática, visto que elas podem ocorrer concomitantemente. O primeiro tipo de variação apresentada pelos autores mencionados é a variação regional, que também é conhecida por variação geográfica e/ou variação diatópica. Esse tipo de variação diz respeito às marcas da fala das diversas regiões. Dessa forma, há a possibilidade de identificarmos que um determinado falante mora no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Natal, por exemplo.

Para percebermos as marcas linguísticas de uma determinada região em relação à outra, analisamos os léxicos utilizados, padrões entoacionais, dialetos (variedades) (Coelho *et al.* 2021). Ademais,

A variação regional pode ser estudada ao se oporem diferentes tipos de unidades espaciais: podemos dizer que existe variação regional entre Brasil e Portugal (dois países), entre Nordeste e o Sul do Brasil (duas regiões de um mesmo país), entre Paraná e Santa Catarina (dois estados de uma mesma região), entre Chapecó e Florianópolis (duas cidades de um mesmo estado) e mesmo entre falantes do centro de Florianópolis e falantes do Ribeirão da Ilha (dois bairros de uma mesma cidade. É comum também que se analise variação regional entre zonas urbanas e zonas rurais ou do interior. (Coelho *et al.* 2021, p. 39).

A variação social ou diastrática diz respeito às características sociais dos falantes. Para tal tipo de variação, temos os seguintes condicionadores sociais: grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero e faixa etária. Sobre o primeiro condicionador, na literatura da área, há consenso que os falantes que possuem um grau de escolaridade maior utilizam as formas linguísticas mais prestigiadas, de acordo com a norma culta da língua, uma vez que estão em contato com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua (Coelho *et al.* 2021).

Com suporte nesses autores, o condicionador socioeconômico atua também no uso das variantes linguísticas. Dessa forma, os falantes menos privilegiados, de forma geral, usam variantes não padrão da língua, enquanto que os mais privilegiados utilizam as variantes padrão.

No que se refere ao condicionador sexo/gênero, alguns teóricos, como Paiva (2021) e Coelho *et al.* (2021), asseveram que os falantes do gênero feminino tendem a utilizar as variantes valorizadas socialmente, porque “precisam”, de certa forma, de uma aceitação social. Em consonância com esse pensamento, Cezario e Votre (2021, p. 149) frisam que

Há muitas tentativas de explicação para a diferença, nenhuma totalmente convincente ou suficiente. Segundo alguns estudiosos, isso se dá porque, dentre outros fatores, da mulher é cobrado um comportamento mais rígido, em conformidade com as normas, em todos os sentidos, inclusive no que se refere ao comportamento linguístico. Devido a essa cobrança social, a mulher teria uma preocupação maior em reproduzir as formas linguísticas consideradas de prestígio dentro de uma comunidade linguística.

Por último, temos a faixa etária, condicionador comumente explorado em pesquisas variacionistas, em que se constitui como fator que motiva a escolha de determinadas variantes linguísticas. De forma geral, pesquisas mostram que os falantes mais jovens são mais suscetíveis à utilização de forma inovadoras, enquanto que os mais velhos são mais conservadores (Coelho *et al.* 2021).

Como vimos, tanto a região onde uma pessoa nasceu e/ou mora quanto os diversos fatores de ordem social influenciam as formas linguísticas “selecionadas” pelos falantes. Desse modo, partiremos para uma reflexão sobre as inúmeras formas linguísticas que um mesmo falante pode utilizar, a depender do contexto comunicativo em que ele se encontra.

Para tanto, pensemos no modo como falamos em casa, com os nossos amigos, em comparação com as formas que utilizamos quando estamos em situações mais formais, como em uma entrevista, em apresentações na faculdade. “Esse tipo de variação linguística, resultante

dos diferentes papéis sociais que desempenhamos nas diferentes situações comunicativas, recebe o nome de variação estilística ou diafásica” (Coelho *et al.* 2021, p. 46). Em síntese, esse tipo de variação diz respeito à adequação feita pelos interlocutores nos diferentes contextos comunicacionais.

Além da variação regional, da variação social e da variação estilística, comumente encontramos outro tipo de variação: a variação entre a fala e a escrita ou diamésica. Para tal discussão, é pertinente pensar, a princípio, sobre o termo diamésica, que se refere à ideia de vários meios. Desse modo,

Para estudar a variação diamésica, é necessário entender que existem diferenças entre o meio falado e o meio escrito. Podemos dizer que, salvo em situações excepcionais, a produção de um texto falado é uma atividade espontânea, improvisada e suscetível à variações em diversos níveis. Já a escrita constitui-se como uma atividade artificial (não espontânea), ensaiada (no sentido de que reservamos tempo e espaço para planejamento, revisões e reformulações) e um pouco menos variável, pois em geral está mais vinculada à produção de gêneros sobre os quais há maior pressão de regras normativas e maior monitoramento. Essas diferenças devem ser relativizadas, uma vez que a relação entre fala e escrita, assim como entre registro formal e registro informal, não é dicotômica, mas contínua. (Coelho *et al.* 2021, p. 49).

Sobre esses dois meios, é fundamental deixar claro que, em pesquisas sociolinguística, em uma abordagem mais adequada, eles devem ser olhados de forma separada, ou seja, analisar a amostra da fala e analisar a amostra da escrita. Ademais, o pesquisador pode fazer uma comparação entre os resultados das duas análises, levando em consideração as peculiaridades dos dois tipos de texto, ou melhor, das duas modalidades da língua.

Feitas essas considerações sobre a variação linguística do ponto de vista externo, abordaremos, agora, a relação entre variação e mudança linguística, de acordo com as ideias propostas por Weinreich, Labov e Herzog (2006). Antes de tudo, é importante frisarmos que “muito antes do século XIX, já se havia notado que as línguas mudam, mas aquele século se distinguiu como o período mais vigoroso da linguística histórica (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 39).

Dessa forma, assim como ocorre com a variação linguística, a mudança é entendida como algo inerente às línguas naturais. Apesar dessa relação, é fulcral pontuar que “nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 139).

Em outras palavras, isso significa que há a possibilidade de termos duas variantes linguísticas competindo pelo mesmo contexto, sem haver, necessariamente, a substituição de

uma pela outra (que ocasionaria a mudança), ou seja, duas formas podem coexistir. Por outro lado, para ocorrer a mudança, é imprescindível ter um período de variação entre as formas (Cezario; Votre, 2021).

Além disso, Labov (2008, p. 152) afirma que o processo de mudança linguística passa por três fases: origem, propagação e término.

Na sua origem, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua propagação, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu término, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes.

Corroborando com esse pensamento, Cezario e Votre (2021, p. 151) pontuam que a mudança propriamente dita ocorre “[...] quando, após um período de variação de duas ou mais formas, a forma mais nova e de menor prestígio se espalha e substitui a forma antes mais usada”. A fim de exemplificar, esses autores mencionam o caso do /l/ pós-vocálico do português brasileiro, que passou a ser pronunciado (exceto na região Sul) como uma semivogal (sa[w], pape[w]) em todo território brasileiro.

Perante o exposto, notamos que não é tarefa simples afirmarmos que determinado fenômeno linguístico é um caso de variação estável ou mudança em curso. Para buscar tal resposta, os pesquisadores da Sociolinguística podem analisar o tempo real ou o tempo aparente, a fim de identificar se uma forma está ou não vencendo a outra mais antiga.

O tempo real pode ser observado por meio da pesquisa que analisa duas ou mais épocas, havendo um intervalo de tempo de, no mínimo, 12 anos e, no máximo, 50 anos. A segunda técnica de estudo, tempo aparente, é quando

O linguista grava amostras de informantes de diferentes faixas etárias para observar se uma dada forma ocorre mais na fala de crianças e jovens do que na de adultos e idosos. Um uso muito elevado de ocorrência da forma nova na fala de jovens pode indicar mudança em curso. (Cezario; Votre, 2021, p. 151).

Além desse fator, segundo esses teóricos, outros devem ser levados em consideração, a fim de proporcionar mais certeza ao pesquisador, como a escolaridade. Quando falantes que são considerados cultos começam a usar formas que não têm prestígio, isso significa que elas deixaram de ser estigmatizadas dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas, tornando-as legítimas para substituir as formas antigas.

A comungar com esse pensamento, Weinreich, Labov e Herzog (2006) destacam que uma mudança não envolve apenas motivações estruturais, mas também motivações sociais, isto é, uma mudança ocasiona mudança no comportamento social. Desse modo, ressaltamos que

Fatores linguísticos e sociais estão intimamente interrelacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 126).

Por último, é oportuno destacar que a mudança “não afeta a estruturalidade da língua, isto é, a língua continua estruturada enquanto vão ocorrendo as mudanças” (Faraco, 2006, p. 13). Essa assertiva se contrapõe às noções que são propagadas comumente, em que tanto a variação linguística como a mudança linguística são vistas como maléficas à estrutura da língua e ao funcionamento.

Na sequência, após essa discussão sobre variação linguística, abordaremos a noção de variedade linguística.

3.1.2 Variedade linguística

Antes de partirmos para uma definição de variedade linguística, é oportuno fazermos algumas reflexões. No Brasil, segundo Bortoni-Ricardo (2014), são falados cerca de 200 idiomas, incluindo-se as línguas indígenas, que são diversas, as línguas crioulas, as línguas de sinais. Assim, notamos que há uma coexistência entre a língua oficial, o português brasileiro, e os demais idiomas, proporcionando um campo fértil para a variedade linguística

Nessa língua oficial, especificamente na fala, alterna-se diversas variedades linguísticas, como a variedade carioca, a sulista, a paulistana, a mineira, a nordestina, dentre outras. Para refletirmos ainda mais sobre a noção de variedade linguística, pensemos, também, na fala das pessoas do nosso ambiente de trabalho (que, obviamente, varia de acordo com o cargo ocupado), da nossa família, da universidade, dos ambientes em que praticamos atividade física, como musculação, futebol. A partir dessa reflexão, notamos que todos os indivíduos envolvidos nessas situações de interação falam o mesmo idioma, mas utilizam formas linguísticas diferentes, a depender do contexto comunicativo.

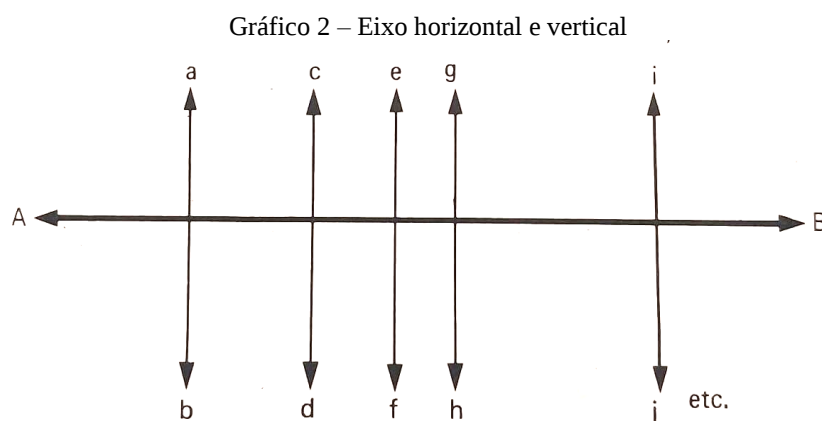
Então, concebe-se por variedade linguística a fala característica de um determinado grupo, levando em consideração características que os unificam, como localidade geográfica,

estrato social, atuação profissional e/ou, ainda, hábitos individuais que conseguem unificar os falantes (Coelho *et al.*, 2021).

Preti (1987) apresenta dois campos amplos de variedade linguística: variedades geográficas (ou diatópicas) e variedades socioculturais (ou diastráticas). O primeiro tipo de variedade, segundo o referido autor, ocorre em um plano horizontal da língua, responsáveis pelos regionalismos, presentes, por exemplo, nos romances de 30, provenientes de dialetos ou falares locais. As variedades geográficas originam a oposição entre linguagem urbana *versus* linguagem rural. Dentro de cada tipo de linguagem, ainda há as variações linguísticas, que podem ser motivadas pelo grupo a que estão inseridos.

Já as variedades socioculturais estão, de certa forma, inclusas no primeiro, no entanto, ocorrem em um plano vertical, ou seja, “dentro da linguagem de uma comunidade específica (urbana ou rural)” (Preti, 1987, p. 19).

Feita a apresentação desses dois campos amplos de variedade linguística, abaixo, a fim de didatizar, apresentaremos um gráfico relacionado aos eixos: vertical e horizontal.



Fonte: Preti (1987).

Nesse gráfico, as letras “AB” representam o eixo horizontal, que diz respeito aos falares urbanos e rurais. As letras “ab”, “cd”, “ef”, “gh”, “ij”, por sua vez, estão relacionadas ao eixo vertical das variantes linguísticas socioculturais (Preti, 1987).

Essas variedades linguísticas podem ser influenciadas tanto por fatores ligados diretamente ao falante quanto à situação, ou, simultaneamente, a ambos. No tocante às variedades linguísticas devidas ao falante – ou ao grupo a que pertence, têm diversos tipos, como idade, sexo, raça (ou cultura), profissão, posição social, grau de escolaridade, local em que reside na comunidade. As variedades relacionadas à situação podem ocorrer devido ao

ambiente em que o diálogo ocorre, ao tema da conversação, ao estado emocional do falante e ao grau de intimidade entre o locutor e o interlocutor.

No âmbito das variedades linguísticas, há, ainda, outro tipo de variedade, comumente discutida pelos sociolinguistas; a variedade culta. Para Coelho *et al.* (2021, p. 15),

A variedade culta é normalmente associada às camadas mais altas da pirâmide social. É, em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos. Essas pessoas, por seu *status*, comumente gozam de prestígio social, e esse prestígio é transferido para a sua fala.

Ademais, frisamos que, na Sociolinguística Variacionista, o conceito de variedade é sinônimo de dialeto e falar (Coelho *et al.*, 2021). Assim, nota-se que dialeto não se trata de uma variedade inferior ou desprestigiada, mas, sim, como algo equivalente a variedade, ou seja, ao falar característico de um determinado grupo social e/ou regional (Coelho *et al.*, 2021).

Vale ressaltar, por fim, que a variedade culta, assim como as demais, também apresentam variações, visto que não são homogêneas. Em virtude disso, parece razoável afirmar que há algumas variedades cultas (Coelho *et al.*, 2021).

Por fim, é oportuno salientar que este estudo sobre a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural foi realizado na variedade linguística potiguar, concentrando-se, sobretudo, na região intermediária de Mossoró, sendo, portanto, a comunidade de fala a ser analisada.

Feitas essas considerações sobre a variedade linguística, a seguir, apresentaremos a noção de variável linguística, outro conceito comumente estudado na Teoria da Variação e Mudança Linguística.

3.1.3 Variável linguística

A noção de variável, conforme Coelho *et al.* (2015), refere-se ao lugar na gramática onde ocorre a variação. Para tanto, tomemos como exemplo as seguintes sentenças:

Os meninos estavam felizes. (CV)

Os meninos estava felizes. (Ø)

Como a variável é o lugar na gramática em que ocorre a variação, no exemplo acima, a variável é a concordância verbal com a terceira pessoa do plural. Neste, notamos duas formas

que disputam pela expressão da variável, *estavam* e *estava*, sendo, portanto, entendidas como variantes (Coelho *et al.*, 2015).

De acordo com Cezario e Votre (2021), a variável pode ter duas variantes, ou seja, ser binária, ou, ainda, ter três ou mais variantes, sendo, portanto, eneária ou terneária. Ademais, poderíamos pensar no exemplo clássico dos pronomes ‘tu’ e ‘você’. Nesse caso, a variável é a expressão pronominal da segunda pessoa do singular. Em termos de classificação, tanto o primeiro exemplo quanto o segundo são entendidos como binário.

A variável linguística, então, é entendida como a categoria da língua em que ocorre a variação, isto é, a variável que se pretende estudar. Em virtude disso, para Labov (2008, p. 93), “a análise adequada da variável linguística é o passo mais importante da investigação sociolinguística”.

Desse modo, para fins didáticos, apresentamos, abaixo, algumas variáveis independentes, tanto de cunho linguístico quanto extralinguístico, a fim de didatizar a discussão.

Tabela 1 – Representação dos condicionantes linguísticos e extralinguísticos.

Condicionantes linguísticos	Condicionantes extralinguísticos
Posição do sujeito em relação ao verbo;	Localização do informante;
A distância entre o núcleo do sintagma nominal sujeito e o verbo;	Faixa etária;
A animacidade do sujeito;	Gênero/sexo;
Saliência fônica.	Escolaridade.

Fonte: Adaptado de Vieira (2018).

Ao lado esquerdo, nessa tabela, há alguns fatores linguísticos, que, comumente, influenciam a regra e/ou ausência da concordância verbal; ao lado direito, por sua vez, temos os fatores de ordem não linguística, isto é, externos à língua.

Nesta pesquisa, a variável dependente é a concordância verbal com a primeira pessoa do plural e as variáveis independentes são: posição do sujeito em relação ao verbo, a animacidade do sujeito, localização do informante, faixa etária, gênero/sexo e escolaridade.

Como já falamos sobre variedade linguística, variação linguística e variável linguística, no subtópico seguinte, abordaremos a noção de variante linguística, concluindo, assim, a discussão desses conceitos introdutórios da Sociolinguística Variacionista.

3.1.4 Variante linguística

Entendemos por variante linguística as formas alternativas, semanticamente equivalentes, que configuram um fenômeno variável (Mollica, 2021). Chamamos de variantes, então, as formas individuais que disputam pela expressão da variável (Coelho *et al.*, 2021). Segundo esses autores, para ser consideradas variantes linguísticas, dois requisitos devem ser cumpridos, a saber: elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional.

Inclusive, a fim de esclarecer essa noção de variante, Cezario e Votre (2021) apresentam o exemplo da variação nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural. Nesse caso, tomando como exemplo o verbo falar, são apresentadas duas formas: “nós falamos” e “a gente fala”, entendidas como variantes do presente do indicativo, porque possuem o mesmo significado referencial/representacional.

Do ponto de vista linguístico, elas são equivalentes e são aceitas normalmente. Contudo, do ponto de vista social, a estrutura “nós falamos” é considerada mais formal, enquanto que “a gente fala” soa mais informal. Além dessas variantes linguísticas, pensemos também, usando o mesmo verbo, nas formas linguísticas “nós fala” e “a gente falamos”, que são ainda mais coloquiais e estigmatizadas.

À vista disso, sob ótica dos linguistas, as variantes possuem o mesmo valor. No entanto, para o meio social, elas habitualmente recebem valores distintos, sendo classificadas como variantes padrão e não padrão. As que se enquadram no primeiro tipo, em linhas gerais, pertencem à variedade culta da língua, enquanto que as que se afastam dessa variedade são classificadas como não padrão (Coelho *et al.*, 2015).

Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante de prestígio, enquanto a não padrão é muitas vezes estigmatizada – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser conservadoras, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser inovadoras. (Coelho *et al.*, 2021, p. 18).

Com base no excerto, parece razoável afirmar que as variantes padrão tendem a ser prestigiadas e conservadoras, enquanto que as não padrão são, comumente, estigmatizadas e inovadoras. Não obstante, vale ressaltar que essas são apenas tendências, ou seja, nem sempre

essas tendências irão se confirmar. Temos, por exemplo, o caso da variável expressão pronominal da primeira pessoa do plural, apresentado acima.

No caso em tela, a variante “nós” é considerada padrão, uma vez que está há mais tempo na língua, ou seja, conservadora, e goza do prestígio social, enquanto que a forma “a gente” é a variante não padrão, que sofre mais estigma e é inovadora. Entretanto, é pertinente pensar que o estigma da forma “a gente” está sendo perdido gradativamente, visto que essa variante está sendo utilizada também em contextos comunicativos formais, nos quais apenas a forma “nós” era usada. Dessa forma, a tendência apresentada anteriormente é relativa (Coelho *et al.*, 2015).

Perante o exposto, fica evidente que a língua é heterogênea e que a variação é inerente à língua, assim como a mudança. No capítulo seguinte, após essa discussão sucinta sobre a teoria base desta pesquisa, abordaremos o fenômeno variável deste estudo, a concordância verbal.

4 A CONCORDÂNCIA VERBAL

Para analisar o fenômeno da concordância verbal, que pode ocorrer tanto na modalidade oral da língua quanto na modalidade escrita, há diversas perspectivas teóricas. Aqui, abordaremos a concordância verbal à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Todavia, antes de tecermos comentários sob ótica dessa teoria, é essencial apresentarmos esse fenômeno em perspectiva normativa e em perspectiva descritiva da língua.

Para Bechara (2015, p. 554), em linhas gerais, “diz-se concordância verbal a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração”. Ao conceber a língua como homogênea, quando ocorrem desvios nessa variável, são chamados de erros, ocasionando a polarização de certo *versus* errado.

De forma específica, Bechara (2015) apresenta algumas situações de concordância verbal, como, por exemplo, concordância de palavra para palavra, concordância de palavra para sentido e outros casos de concordância verbal. Em relação a primeira classificação, o autor menciona duas possibilidades, quando há só um sujeito e quando há mais de um sujeito. Sobre o primeiro caso, é posto que, quando temos um sujeito simples e singular, o verbo irá para o singular, mesmo que seja um coletivo, como podemos ver nos exemplos abaixo.

“A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas”

“Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade”

A segunda possibilidade mencionada é quando há mais de um sujeito. Nesse caso, o verbo irá, comumente, para o plural, independentemente da sua posição em relação ao verbo, conforme Bechara (2015). Para tanto, tomemos como exemplos os seguintes trechos, em que os verbos *participaram* e *chegaram* estão no plural.

“Os alunos e professores *participaram* da reunião da escola”

“Os políticos e os líderes comunitários, depois de várias reuniões, *chegaram* a um consenso sobre as novas políticas públicas”

Quanto à concordância de palavra para sentido, Bechara (2015, p. 567) explica que “quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome no singular que se aplica a uma coleção ou grupo, o verbo irá ao singular:”

“O povo *trabalha* ou A gente *vai*”

Por último, denominado de outros casos de concordância verbal, há diversas categorias (assim, iremos apenas mencionar as tipificações): sujeito constituído por pronomes pessoais, sujeito ligado por série aditiva enfática, sujeito ligado por *com*, sujeito ligado por *nem... nem*, sujeito ligado por *ou*, sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens*, sujeito representado por *cada um de* + plural, concordância do verbo *ser*, a concordância com *mais de um*, a concordância com *que de*, a concordância com *quais de vós*, a concordância com os pronomes relativos, a concordância com os verbos impessoais, a concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas, a concordância com o verbo na reflexiva de sentido passivo, a concordância na locução verbal, a concordância com a expressão *não (nunca)... senão* e sinônimos, a concordância com títulos no plural, a concordância no aposto, a concordância com *haja vista*, a concordância do verbo com sujeito oracional, concordância nas expressões de porcentagem, concordância com *vivam os campeões!*, concordância com *ou seja, como seja*, concordância com *a não ser*, concordância nas expressões *perto de, cerca de* e equivalentes, concordância com a expressão *que é de* e concordância com a expressão *que dirá*.

Perini (2005), por seu turno, define a concordância verbal como um sistema de condições de harmonização entre o sujeito e o núcleo do predicado das orações. Para esse autor, conceber a concordância verbal dessa maneira é simples. Não obstante, ele ressalta que entender a concordância verbal dessa forma ocasiona diversos problemas, tanto teóricos quanto de aplicação aos dados.

O autor mencionado acima acrescenta que os erros que são rotulados como de concordância, na verdade, são decorrentes de outros aspectos gramaticais. Assim, pensemos que o “erro de concordância”, em si, não existe, uma vez que qualquer combinação de sintagma nominal com verbo é bem formada. Para tanto, é realizado uma análise da seguinte sentença:

“Minhas sobrinhas *ganhei* um cavalo”

Nessa sentença, Perini (2005) destaca que *Minhas sobrinhas* é um objeto direto (OD) topicalizado, enquanto que *um cavalo* é um OD não topicalizado. Como vemos, não há sujeito; mas isso não torna a frase rejeitável, visto que frases sem sujeitos são usadas normalmente no português. Por outro lado, vimos que a sentença possui dois objetos diretos, característica inaceitável nas orações do português brasileiro, porque os verbos não admitem. Dessa forma, a

má formação da sentença apresentada não se dá pela ausência da regra de concordância, mas, sim, pela estruturação da oração, presença de dois sujeitos.

Perante o exposto, notamos que a primeira restrição é a de transitividade, ou seja, “a estrutura de uma oração precisa respeitar as condições de transitividade do verbo que ocupa o seu NdP” (Perini, 2005, p. 189). Dito isso, passemos a mais um exemplo apresentado nesse estudo, que também é rotulado como erro de concordância:

“Nós adormeci na banheira”

No exemplo acima, o *nós* é um objeto direto topicalizado. A banheira, por sua vez, não é rotulada, uma vez que é de nível oracional, sendo, portanto, parte integrante de um sintagma maior, *na banheira*, que não é um sintagma nominal. Assim,

[...] se *nós* é um OD, temos aí não uma, mas duas violações. Primeiro, o verbo adormecer não aceita OD; e, depois, ainda que aceitasse, a forma *nós* não poderia ser OD, por se tratar de uma forma reta (nominativa). Como resultado, não pode ser aceitável. (Perini, 2005, p. 190).

Estamos diante, pois, de mais um caso de restrição, porque “os pronomes pessoais têm formas especializadas quando desempenham a função de OD; nenhuma outra forma desses pronomes pode desempenhar essa função” (Perini, 2005, p. 190). Vale salientar que, apesar dessa restrição ter sido apresentada com base no exemplo acima, ela não foi elaborada para explicar exclusivamente esse exemplo, sendo, na verdade, uma condição gramatical do português.

Em síntese, esses exemplos apresentados mostram que muitos casos que são concebidos como desvios de concordância verbal são, na prática, violações de outros aspectos gramaticais que se distanciam da concordância. Complementando essa ideia, Perini (2008, p. 118) assevera que

Os chamados erros de concordância são na verdade casos de má formação semântica – mais especificamente, casos de ocorrência de argumentos destituídos de papel temático. Essa análise se harmoniza com o espírito da Hipótese da Sintaxe Simples, dispensando mecanismos específicos para tratar do fenômeno da concordância, e reduzindo-o a simples consequência de outros fatores, independentemente motivados.

Esse autor ainda destaca que esse fenômeno que chamamos de concordância verbal é essencialmente o resultado de fatores semânticos. E a utilização desse advérbio

(essencialmente) se justifica pelo fato de haver, também, fatores não semânticos, como os fatores sintáticos, de modo a tornar esse fenômeno ainda mais complexo.

Dessa forma, notamos que há uma disparidade na concepção de concordância verbal entre a visão prescritiva e a descritiva da língua. A visão descritiva da língua se caracteriza como superior, segundo Perini (2005), uma vez que consegue apresentar os fenômenos da maneira mais simples e coerente. Enquanto que a solução tradicional se baseia numa noção de concordância como regra, “a solução proposta aqui entende a concordância como um sistema de filtros (independentemente motivados) que suprime certas estruturas por apresentarem má formação de algum tipo” (Perini, 2005, p. 192).

Feitas essas ressalvas do ponto de vista prescritivo e descritivo, faremos, na sequência, uma descrição desse fenômeno sob visão da Sociolinguística, que também é descritiva. Para essa subárea da linguística, como frisamos desde o início, a variação é entendida como um fenômeno universal e que, portanto, ao haver desvios do que é posto como correto para as gramáticas normativas, não é cabível desprestigiar tais variações. Além disso, entende-se, aqui, que as variações possuem fatores condicionantes.

Sob a perspectiva variacionista, Araújo e Freitag (2021) destacam que a concordância verbal é um fenômeno variável do português brasileiro, ou seja, as regras de concordância podem ser realizadas ou não pelos falantes da língua. Essas autoras realizaram uma pesquisa sobre a concordância verbal com a terceira pessoa do plural em Feira de Santana-BA, considerando efeitos da sua sócio-histórica e comparando o comportamento da variável em tela com o de outras comunidades na região, em que a realidade sócio-histórica é diferente. Os resultados dessa pesquisa indicam que há fronteiras geográficas e sociais bem demarcadas quanto ao traço da concordância verbal padrão.

Outro estudo realizado nessa área é o de Lucchesi (2015), que analisou o uso da concordância verbal com a terceira pessoa do plural de falantes de quatro bairros populares da cidade de Salvador-BA, com baixo nível de escolaridade ou nenhum. Nesta, os fatores que influenciaram a implementação da regra foram: a maior diferença morfofonológica na marcação do plural, o traço semântico [+humano] no sujeito, a posição do sujeito imediatamente antes do verbo, a realização da regra de concordância de número no Sintagma Nominal sujeito, os verbos auxiliares, de ligação e agentivos. Nesse estudo, notamos que a variação desse fenômeno é mais condicionada por fatores linguísticos do que sociais.

Moraes (2018) apresenta um recorte da sua pesquisa sobre os padrões de concordância verbal de terceira pessoa do plural (P6) na escrita de alunos do 8º e 9º anos do ensino fundamental, da escola da rede pública do município de Santo Antônio do Tauá – PA. À luz da

Sociolinguística Variacionista, analisou-se a escrita dos alunos nos gêneros crônica, artigo de opinião e relato, a fim de observar o uso da concordância verbal em P6.

Nessa pesquisa, a variável dependente é a concordância verbal em P6 e as variáveis independentes são gênero discursivo, presença ou ausência de sujeito, posição do sujeito em relação ao verbo, distância entre o núcleo do sujeito e o verbo da frase, *que* relativo ou conjunção, paralelismo foral no nível da cláusula, tipo de verbo, saliência fônica, animacidade do sujeito (fatores linguísticos), ano escolar e sexo (fatores extralinguísticos). Assim, notamos que a pesquisa parte do pressuposto que há um conjunto de fatores internos e externos à língua que condicionam a variação.

Os dados extraídos nessa investigação mostram um alto índice de manutenção à regra de concordância verbal, uma vez que 76% apresentaram a marca de concordância, enquanto que 24% não apresentaram. Contudo, levando em consideração que são produções escritas no contexto escolar, esse número de ausência é considerado expressivo.

No que concerne aos condicionantes sociais, os resultados apontam que as mulheres são mais sensíveis ao uso da forma padrão, corroborando, assim, com a literatura da área. No tocante ao ano escolar, por sua vez, esperava-se que os alunos que estavam em um ano mais avançado usariam mais a forma padrão. No entanto, os dados expõem que os alunos do 8º ano apagam menos a marca de concordância do que os que já estão no 9º ano.

No que se refere aos condicionamentos de cunho linguístico, especificamente os do gênero discursivo, os dados apresentam que os textos do gênero artigo de opinião apresentam, em maior número, a marca de concordância, enquanto que os demais gêneros, de natureza narrativa, há uma ausência dessa marca de forma expressiva. Sobre o fator presença ou ausência do *que* relativo/conjunção, a pesquisa expõe que o apagamento da concordância em construções nas quais o *que* relativo/conjunção está presente é maior do que a frequência quando está ausente.

Já o fator paralelismo formal no nível clausal (marcas do sujeito), por seu turno, os resultados obtidos em frequência e peso relativo para este grupo de fatores comungam com resultados de outras pesquisas dessa área e confirmam o princípio de que formas gramaticais similares ocorrem juntas. Quanto à saliência fônica, um dos fatores mais relevantes em trabalhos dessa natureza, os dados dizem que quanto mais saliente, mais favorável ao emprego da regra de concordância verbal. Por último, o autor apresenta o fator animacidade, que, neste estudo, é confirmado a tendência de sujeitos de traço [- animado], favorecerem a aplicação da regra de não CV tanto em frequência de uso quanto em peso relativo.

Desse modo, Moraes (2018) sintetiza a pesquisa quanto aos fatores que favorecem e/ou desfavorecem no quadro baixo.

Quadro 1 – Variáveis favorecedoras e desfavorecedoras da concordância verbal

VARIÁVEIS	CONTEXTOS FAVORECEDORES DA CV	CONTEXTOS DESFAVORECEDORES DA CV
Gênero discursivo	Gêneros pertencentes à tipologia argumentativa	Gêneros pertencentes à tipologia narrativa
Presença/ausência de <i>que</i>	Ausência de <i>que</i>	Presença de <i>que</i>
Saliência fônica	Verbos com alto nível de saliência (oposição acentuada – nível 2)	Verbos com baixo nível de saliência (oposição não acentuada – nível 1)
Paralelismo clausal	Verbos precedidos de SN sujeito com marca de plural	Verbos precedidos de SN sujeito sem marca de plural
Animacidade	Sujeito com traço [+animado]	Sujeito com traço [-animado]

Fonte: Moraes (2018)

Nesse quadro, produzido por Moraes (2018), existem três colunas, sendo que a primeira é posta para apresentar as variáveis; a segunda apresenta os contextos favorecedores da concordância verbal; a terceira, por sua vez, menciona os respectivos contextos desfavorecedores da concordância verbal. Dessas variáveis, a nossa pesquisa se apropria da animacidade, mas com o foco no traço *+humano* e *-humano*.

Para finalizar as discussões deste capítulo, pensemos na variável ora estudada – primeira pessoa do plural – *nós*, que disputa com a forma *a gente*. Para Perini (2008), em termos semânticos, a ocorrência das variantes linguística *nós* e *a gente* é um fenômeno complexo, uma vez que a primeira forma se refere à primeira pessoa do plural, enquanto que a segunda forma diz respeito à terceira pessoa do singular, como podemos observar nos exemplos a seguir.

“Nós já vimos esse filme”

“A gente já viu esse filme”

Desse modo, notamos que,

Em termos de referência, *nós* e *a gente* se equivalem, e ambos incluem em sua extensão o falante, mais pelo menos uma pessoa. Ao que tudo indica, isso nos impede de descrever semanticamente essa diferença de sufixos. Por conseguinte, será necessário marcar o item *a gente* como uma exceção – embora seja semanticamente “primeira pessoa”, é formalmente “terceira”. (Perini, 2008, p. 130).

A comungar com a literatura da área, Perini (2019) pontua que há um abandono gradual do pronome pessoal *nós* em favor do *a gente*. Todavia,

O uso de *nós* continua geral, de modo que a primeira pessoa do plural gramatical ainda não se reduzia à terceira. Se isso acontecer, porém, teremos um sistema de concordância reduzido apenas a duas pessoas: a primeira pessoa do singular (*eu cheguei*) e uma "pessoa" geral que engloba todas as outras (*ele chegou; você chegou; a gente chegou*). Em geral, como observei, a terceira pessoa do plural continua distinta (*eles chegaram*), mas não universalmente; nas variedades que aceitam *eles chegou* – e que por ora são consideradas não padrão – o sistema só admite duas formas pessoais do verbo. (Perini, 2019, p. 388).

Além disso, temos as variantes de cada forma apresentada. Pensemos no verbo “ir”, por exemplo, em que há a possibilidade de formar a frase *nós vai*, estigmatizada, que disputa com *nós vamos*, considerada padrão. Na forma *a gente*, menos formal, que, assim como a forma anterior mencionada, também apresenta variantes, como *a gente vamos*, estigmatizada, que é uma variação da forma *a gente vai*, mais aceita e utilizada pelas diversas classes sociais, inclusive, com um nível de escolaridade elevado.

Neste capítulo, em síntese, notamos que a concordância verbal não é tópico gramatical que apresenta uma discussão estática, fechada, mas que se altera de acordo com a ótica teórica. Para a Sociolinguística, perspectiva que adotamos neste trabalho, a concordância verbal se constitui como um fenômeno variável do Português Brasileiro, dando a possibilidade aos falantes da língua realizarem ou não as regras. Ademais, fica evidente que a não realização das regras de concordância verbal é motivada tanto por fatores linguísticos quanto por fatores extralinguísticos. Ademais, no que se refere à primeira pessoa do plural, nossa variável, observamos que há inúmeras possibilidades de formular frases que apresentam o mesmo significado, utilizando variantes linguísticas diferentes, tanto da forma *nós* quanto da forma *a gente*.

Feita a discussão do objeto de pesquisa, no próximo tópico, ou melhor, no próximo capítulo, será apresentada a metodologia empregada neste trabalho.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Na literatura, são apresentados inúmeros procedimentos e instrumentos metodológicos que podem ser utilizados em uma pesquisa. Dessa forma, cabe ao pesquisador delimitar os métodos que serão traçados no desenvolvimento do trabalho, de acordo com a filiação teórica, a fim de garantir a exequibilidade da pesquisa. Esta pesquisa, no que se refere ao aporte teórico-metodológico, está intrinsecamente vinculada à Teoria da Variação e Mudança Linguística (chamada, em alguns momentos deste texto, como Sociolinguística Variacionista), tendo como foco de estudo os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala espontânea da região intermediária de Mossoró-RN.

Dito isso, para alcançarmos o objetivo desta pesquisa, cujo propósito principal é analisar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala dos informantes dos informantes da cidade de Olho D'Água do Borges/RN, apresentaremos, a seguir, os procedimentos metodológicos que foram traçados. Inicialmente, caracterizaremos a pesquisa quanto à abordagem, objetivos e procedimentos; em seguida, apresentaremos os informantes; depois, delimitaremos o *locus* da pesquisa; como quarta etapa, explanaremos o *corpus* do estudo; por último, descreveremos o procedimento de análise dos dados.

5.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza, quanto à abordagem, como quantitativa e qualitativa, ou seja, quanti-qualitativa (essa ordem se justifica pelo fato de a abordagem quantitativa ser predominante e por ser indissociável da própria teoria). Fonseca (2002, p. 20 *apud* Gerhardt; Silveira, 2009, p. 35) pontua que

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. [...] A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis.

Devido a esses aspectos, nesta investigação, pretendemos, inicialmente, quantificar as variantes da variável dependente, de modo a fazer um retrato da população que habita na localização analisada. Assim, percebe-se que, através das amostras, é pertinente fazer algumas induções acerca da população. Inclusive, Dancey e Reidy (2019), asseveram que o grande objetivo das amostras é facilitar o acesso à população alvo da pesquisa.

Pesquisas que se enquadram na Sociolinguística, na maioria das vezes, partem de uma abordagem quantitativa, adotando a utilização de tabelas e gráficos para a apresentação de dados, medidas estatísticas para resumir os dados e fazer inferências sobre eles, assim como testes de significância e confiabilidade e técnicas analíticas quantitativas (Guy, 2007). Esse autor destaca que há três fases essenciais em qualquer análise quantitativa: coleta de dados; redução e apresentação de dados; interpretação e explicação de dados.

Em relação à primeira fase, antes de tudo, Guy (2007) afirma que há dois problemas: amostra e confiabilidade. Diferentemente de outras áreas de estudos linguísticos, aqui o pesquisador deve ter cuidado com a seleção dos informantes, a fim de não produzir dados enviesados. Dessa forma, uma amostra aleatória é uma das melhores formas de garantir representatividade na comunidade de fala.

Um exemplo disso seria uma amostra aleatória de residências com telefone, construída mediante a definição de números de telefone a partir de uma tabela de números aleatórios (encontrável em livros de estatística). Claro que tal procedimento não daria a cada falante chance igual de ser incluído (os de residências com muitas pessoas e apenas uma linha de telefone teriam uma probabilidade zero de ser incluídas), mas, para muitos propósitos, essa amostra seria bem representativa. (Guy, 2007, p. 22).

Apesar de mencionar o procedimento de amostra aleatória, esse autor, em seguida, ressalta que, em estudos linguísticos de comunidades de fala, esse procedimento nem sempre é o ideal, e enfatiza que a questão da representatividade deve ser contemplada, independentemente do método escolhido.

O referido autor, mais adiante, traz à tona a pergunta da quantidade de dados que são necessários. Esse questionamento é consensual nessa área de pesquisa, tanto por pesquisadores iniciantes quanto por leitores. Para tal indagação, Guy (2007) responde que, em estudos quantitativos, obter o máximo de dados possíveis é quase sempre melhor.

Quanto à confiabilidade, o segundo problema mencionado concernente à primeira fase, Guy (2007, p. 23) declara que

A confiabilidade é outro aspecto da coleta de dados que tem um lado quantitativo. Trata-se da questão da replicabilidade: se refizéssemos o mesmo estudo, ou se outra pessoa seguisse nossos procedimentos, seriam obtidas as mesmas respostas? Em estudos de comunidades de fala que usam mais de um pesquisador, a prática preferida é que se conduzam testes de confiabilidade entre pesquisadores, para assegurar que todos estão coletando os mesmos tipos de ocorrências da mesma maneira, aplicando o mesmo critério de análise.

Em pesquisas que apenas um pesquisador está envolvido, como a nossa, ainda há a necessidade de ter o máximo de cuidado possível. Para tanto, é recomendado codificar a mesma passagem duas vezes em períodos de tempo díspares, a fim de aferir se os resultados são os mesmos. Caso os resultados apresentem disparidade, a significância do estudo se torna questionável (Guy, 2007).

No que se refere à segunda fase, há, mais uma vez, um impasse, visto que o pesquisador se depara com a dificuldade de encontrar algum meio/ferramenta que possibilite resumir os dados, minimizando detalhes sem relevância e apresentando, de forma eficaz, uma visão geral do que é mais importante para os interesses do pesquisador, sem distorcer significativamente os dados originais (Guy, 2007). Para atender a todos esses fins, é difícil encontrar um único dispositivo capaz de suprir essas necessidades.

Ademais, é oportuno destacar que as técnicas para redução dos dados utilizadas comumente provêm da estatística. Essas técnicas, de forma geral, incluem as medidas de tendências centrais como “a média (aritmética), a mediana (o valor em relação ao qual metade de todas as observações é maior, e metade menor) e a moda (o valor da variável ocorrido com mais frequência)” (Guy, 2007, p. 24).

Quanto aos métodos de redução e apresentação dos dados, em pesquisas sociolinguísticas, os principais são tabelas, gráficos e mapas. Dessa forma, apresentaremos, a seguir, as vantagens de cada método.

As tabelas fornecem uma apresentação uni ou bidimensional eficaz de resultados quantitativos; como apresentam valores numéricos reais, são explícitas e precisas ao máximo. [...] a vantagem principal de apresentações com gráficos é justamente seu caráter gráfico. Eles podem ser desenhados para salientar as relações encontradas nos dados, para ilustrar tendências, mostrar diferenças entre vários indivíduos, grupos, ou variáveis; e para demonstrar co-variação entre diferentes variáveis. Eles apresentam proporções e razões de uma forma analógica que é mais prontamente aprendida pelo olho humano. [...] a principal vantagem dos mapas é sua iconicidade gráfica. Eles representam diretamente relações espaciais de uma maneira interpretável em termos do mundo físico. (Guy, 2007, p. 26-29).

No tocante à última fase, interpretação e explicação de dados, Guy (2007) atesta que o intuito de qualquer estudo de abordagem quantitativa em pesquisa dialetal não é produzir números, mas, sim, identificar e explicar fenômenos linguísticos. Para tanto, utiliza-se a classe de métodos quantitativos chamada de estatística inferencial.

Feita a descrição dessas três fases, é fundamental destacar também que “a realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística” (Guy, 2007, p. 73). Em virtude disso, é pertinente pensar que qualquer pesquisa dialetal, geográfica ou social, é inerentemente quantitativa.

Todavia, classificamos esta pesquisa como qualitativa também, porque além de identificar e quantificar as variantes da variável selecionada em tabelas e gráficos, interpretamos os dados e expomos nossas visões pessoais. Para Richardson (2017, *apud* Santiago, 2020, p. 79) “a pesquisa qualitativa é essencialmente interpretativa. Nesse sentido, o pesquisador interpreta os dados sem desprezar completamente suas visões pessoais, social e historicamente situadas”.

Além disso, Gerhardt e Silveira (2009, p. 34) explica que “os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas [...]”. A nossa pesquisa se caracteriza dessa forma, portanto, porque não trabalhamos apenas com variáveis exatas e dados quantificáveis, mas também com a interpretação e descrição da variação da concordância verbal, e a explicação desse fenômeno.

No que concerne à natureza deste trabalho, classificamos como descritiva. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 35), esse tipo de pesquisa “pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”. Aqui, iremos descrever os tipos de variantes encontradas da variável estudada, na região intermediária de Mossoró/RN.

Além disso, podemos classificar, também, como pesquisa explicativa, porque, além de descrever, explicaremos as possíveis motivações, ou melhor, os fatores condicionantes da variação da concordância verbal da primeira pessoa do plural. A pesquisa explicativa, segundo Severino (2013, p. 76),

[...] é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.

Em síntese, a pesquisa explicativa se preocupa em “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (Gil, 2002, p. 44). Ou melhor, pesquisas dessa natureza explicam, através dos resultados oferecidos, o porquê das coisas. Contudo, Gurgel (2019) afirma que as pesquisas explicativas, por visar identificar os fatores que influenciam a realização dos fenômenos, são consideradas como complexas.

No que tange ao procedimento técnico de análise, é cabível classificar esta pesquisa como de campo, porque, para realizar a coleta dos dados, deslocamo-nos para a cidade de Olho D'Água do Borges/RN, que está inclusa na região selecionada e será apresentada mais adiante.

5.2 Os informantes

Os dados foram colhidos de 16 informantes do Estado do Rio Grande do Norte, do sexo masculino e feminino, de duas faixas etárias: de 15-30 e de 31-50, com ensino superior completo ou incompleto (graduandos a partir da metade do curso), educação básica completa ou incompleta, da cidade de Olho D'Água do Borges, a fim de verificar as influências desses fatores sociais. Esta pesquisa, portanto, leva em consideração os fatores sociais de sexo, faixa etária, escolaridade e localidade, apresentando, assim, uma relação com o que Freitag (2017, p. 13) propõe:

Para possibilitar o cotejamento entre o linguístico e o social, os informantes selecionados para compor a amostra sociolinguística da comunidade são estratificados de acordo com variáveis sociodemográficas amplas, seguindo o modelo que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utiliza para estratificar suas amostragens censitárias, como o sexo, a faixa etária, nível de escolarização, zona de residência etc.

Além disso, partimos do pressuposto que há fatores linguísticos (internos à língua) e extralinguísticos (externos à língua), que influenciam na variação da concordância verbal da primeira pessoa do plural. Esses fatores são denominados de variáveis independentes, as quais condicionam a realização da variável dependente (Coelho *et al.*, 2021).

As variáveis independentes, como o nome sugere, idealmente não apresentam uma relação de dependência entre si. Já a variável dependente, também como o nome sugere, depende de uma relação com as variáveis independentes, afinal, são estas que condicionam a forma de realização daquela. (Coelho *et al.*, 2021, p. 21).

Nesta pesquisa, a variável dependente é a concordância verbal com a primeira pessoa do plural e as variáveis independentes são aquelas que se enquadram nos fatores linguísticos e extralinguísticos, como a posição do sujeito em relação ao verbo, a animacidade do sujeito (fatores linguísticos), localização do informante, faixa etária, gênero/sexo e escolaridade (fatores extralinguísticos). Além disso, vale ressaltar que a variável dependente consiste num modelo binário, adotado na maioria das pesquisas variacionistas.

Por fim, a fim de didatizar as informações, apresentaremos, abaixo, um quadro com a distribuição dos informantes.

Quadro 2 – Estratificação dos informantes

SEXO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	LOCALIDADE
M	15 - 30	E. SUPERIOR	Olho D'Água do Borges
M	15 - 30	E. SUPERIOR	Olho D'Água do Borges
M	15 - 30	E. BÁSICA	Olho D'Água do Borges
M	15 - 30	E. BÁSICA	Olho D'Água do Borges
F	15 - 30	E. SUPERIOR	Olho D'Água do Borges
F	15 - 30	E. SUPERIOR	Olho D'Água do Borges
F	15 - 30	E. BÁSICA	Olho D'Água do Borges
F	15 - 30	E. BÁSICA	Olho D'Água do Borges
M	31 - 50	E. SUPERIOR	Olho D'Água do Borges
M	31 - 50	E. SUPERIOR	Olho D'Água do Borges
M	31 - 50	E. BÁSICA	Olho D'Água do Borges
M	31 - 50	E. BÁSICA	Olho D'Água do Borges
F	31 - 50	E. SUPERIOR	Olho D'Água do Borges
F	31 - 50	E. SUPERIOR	Olho D'Água do Borges
F	31 - 50	E. BÁSICA	Olho D'Água do Borges
F	31 - 50	E. BÁSICA	Olho D'Água do Borges

Fonte: Elaboração própria

Nesse quadro, é apresentado a estratificação dos informantes da presente pesquisa, descrevendo, pois, o sexo, faixa etária, escolaridade e localidade. Além disso, é exposto o total de informantes/participantes das entrevistas (16).

5.3 Delimitação do locus da pesquisa

Nesta investigação, selecionamos um número razoável de informantes da cidade de Olho D'Água do Borges, que fica localizadas no estado do Rio Grande do Norte (RN), especificamente na região intermediária.

Até o ano de 2016, esse estado era dividido em quatro mesorregiões: Oeste Potiguar, Central Potiguar, Agreste Potiguar e Leste Potiguar. Incluso nessas mesorregiões, haviam 19 microrregiões. Todavia, como as divisões mudaram, atualmente o RN está dividido em onze regiões geográficas imediatas (Natal, Santo Antônio – Passa e Fica – Nova Cruz, Canguaretama, Santa Cruz, João Câmara, São Paulo do Potengi, Caicó, Currais Novos, Mossoró, Pau dos Ferros, Açu), que estão seccionadas em três regiões geográficas intermediárias, a saber: Natal, Caicó e Mossoró.

À título de ilustração, abaixo, apresentaremos o mapa do Rio Grande do Norte, com ênfase nas três regiões intermediárias do RN.

Figura 1 – Regiões geográficas intermediárias do Rio Grande do Norte



Fonte: IBGE

Nessa figura, a cor vermelha representa a região intermediária de Natal, que abrange 75 municípios. A cor azul, por seu turno, simboliza a região intermediária de Mossoró, abrangendo 68 municípios. A cor verde, por sua vez, corresponde à região intermediária de Caicó, englobando 24 municípios.

Incluso na região intermediária de Mossoró/RN, Olho D'Água do Borges fica localizada a cerca de 328,8 quilômetros da capital do estado, Natal. Em 2021, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população desse município era estimada em 3.905 habitantes. A seguir, ilustraremos a localização de Olho D'Água do Borges, a fim de situar geograficamente os leitores deste trabalho.

Figura 2 – Localização de Olho D'Água do Borges/RN



Fonte: IBGE

A escolha desse *locus* se justifica principalmente pelo fato de já termos observado a variação da concordância verbal, de forma constante, nessa localização. Em outras palavras, A escolha dessa cidade foi devido a um interesse do pesquisador que, convivendo com falantes da cidade, identificou esse fenômeno em variação e, observando a falta de estudos a respeito, decidiu desenvolver a pesquisa, a fim de trazer achados para esse território inexplorado.

5.4 Constituição do corpus

As pesquisas que se filiam à Sociolinguística Variacionista, comumente, consideram os dados da fala de indivíduos em situações reais do uso da língua. Contudo, Labov (2008), discutindo sobre a estratificação social do (r) nas lojas de departamento na cidade de Nova York, pontua que um dos grandes problemas metodológicos dessa área de investigação é o meio de coleta de dados, uma vez que ele pode interferir nos dados a serem coletados.

De modo geral, uma entrevista que tem como objeto explícito a língua do falante alcançará um grau mais elevado na escala de formalidade do que a maioria das conversações. Não é uma situação tão formal quanto um discurso público, e é menos formal do que a fala que seria usada numa primeira entrevista de emprego, mas certamente é mais formal do que a conversa casual entre amigos ou membros da família. (Labov, 2008, p. 102-103).

Assim, apesar das entrevistas sociolinguística serem um método confiável, elas captam, na verdade, uma fala, de certa forma, formal, monitorada e controlada, em comparação com o vernáculo da vida cotidiana. Em virtude disso, chegamos ao paradoxo do observador, uma vez

que o intuito da pesquisa sociolinguística é capturar a fala das pessoas quando não estão sendo sistematicamente observadas, mas a obtenção dos dados é feita através da observação sistemática (Labov, 2008).

No entanto, mais adiante, o próprio Labov apresenta formas de superar o paradoxo do observador.

Uma maneira de superar o paradoxo do observador é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emergja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausas, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada. Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolve-la em outros contextos. Uma das perguntas desse tipo que tem dado mais resultado é a que lida com o “risco de vida”: “Você já viveu uma situação em que correu sério risco de morrer?”. As narrativas produzidas em resposta a essa pergunta quase sempre exibe uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo. (Labov, 2008, p. 244-245).

Dessa forma, como a coleta de dados desta pesquisa foi feita através de entrevistas sociolinguística, adotamos essas estratégias, a fim de superar esse paradoxo.

Rodrigues (2020, p. 80), por outro lado, assevera que “essas entrevistas buscam coletar a língua falada no cotidiano do indivíduo, a fim de captar, com a máxima aproximação, o vernáculo de um determinado grupo social”. Dessa maneira, é considerada como a forma mais utilizada nas pesquisas que se propõem a analisar a fala.

Freitag (2017) dissertando sobre a eficácia da entrevista na Sociolinguística, frisa que, para que a entrevista seja realizada de forma exitosa, é necessário conhecer técnicas relacionadas a esse método. A princípio, a nomenclatura “entrevista sociolinguística” é um termo técnico que apenas o documentador (pessoa que realiza a entrevista) deve saber. Para o informante, pessoa entrevistada, o documentador está realizando uma pesquisa sobre a educação e a cultura da comunidade.

A escolha da substituição do termo não significa que há uma técnica ilícita, mas, sim, uma escolha que visa inibir a tensão e insegurança por parte dos informantes (Freitag, 2017). É oportuno ressaltar também que, na abordagem, algumas palavras devem ser evitadas, como “linguagem”, “gramática”, “linguística”, “curso de Letras”, e outros termos afins.

A seleção dos informantes, embora muitos acreditem que seja feita de maneira aleatória, trata-se de escolhas motivadas.

Mesmo que a teoria estatística aconselhe a constituição de amostras aleatórias para facilitar inferências gerais sobre toda a população, a prática na sociolinguística, tanto no Brasil quanto em outros países, tem sido de preferir outros métodos de seleção, atendendo a outras necessidades (ou prioridades). Muitos têm sido os métodos de seleção dos indivíduos, desde o sorteio até a indicação feita por uma pessoa que seja conhecida do pesquisador ou com a qual ele simplesmente tenha feito um contato prévio. (Guy, 2007, p. 132).

Corroborando com esse pensamento, Freitag (2017, p. 19) explica que, na prática, “a seleção de informantes para a realização das entrevistas sociolinguística segue a amostragem de conglomerados não aleatórios de adesão voluntária por indicação ou julgamento, que formarão posteriormente redes de relações sociais.

Além disso, antes de realizar a entrevista, é fulcral que o documentador realize uma checagem, com o intuito de saber se o informante se enquadra nos critérios, como, por exemplo, não usar aparelho ortodôntico, não possuir gagueira, “ser falante de português, ter nascido na comunidade e ser filho de pais igualmente nascidos na comunidade, não ter morado fora da comunidade na fase da adolescência (período em que o vernáculo é adquirido)” (Freitag, 2017, p. 12).

Ademais, para fins de quebra de tensão, após preencher uma ficha social, o documentador faz a checagem das informações. A entrevista sociolinguística propriamente dita segue um roteiro, de forma semiestruturada, com vistas a capturar a fala do indivíduo de maneira exitosa e servir para a pesquisa.

Outro aspecto relacionado à entrevista sociolinguística que merece destaque é o tempo. Segundo Freitag (2017), as entrevistas precisam ter cerca de 1h de duração. Para o documentador manter o controle do tempo, é necessário um planejamento prévio. Dessa forma, é apresentado o seguinte cronograma:

Figura 3 - Planejamento de uso do tempo no roteiro da entrevista sociolinguística

Checagem		2 a 5 minutos
Roteiro	Bairro	15 minutos
	Educação	15 minutos
	Cultura	15 minutos
Questionário atitudes		5 a 10 minutos

Fonte: Freitag (2017)

Por fim, destacamos que as entrevistas que foram realizadas são fundamentadas no método de Labov (2008), uma vez que procuramos evitar ao máximo o paradoxo do observador,

a fim de auferir a fala utilizada no cotidiano dos informantes, ou seja, buscamos captar a fala mais espontânea possível, com nível mínimo de monitoramento. Para realização dessas entrevistas, adotamos alguns critérios relacionados aos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Feita essa discussão, é oportuno falarmos, de forma sucinta, sobre o *corpus* propriamente dito. Na definição do *corpus*, assim como nas demais etapas do estudo, o pesquisador, segundo Guy (2007), deve atentar-se para duas exigências referentes à cientificidade da análise quantitativa: a validade e a confiabilidade.

A confiabilidade, como mencionamos anteriormente, diz respeito à possibilidade de reproduzir o resultado, isto é, caso o pesquisador repita o estudo usando os mesmos critérios, ou outro pesquisador fizer um estudo equivalente, os resultados seriam os mesmos? Se não forem, não há confiabilidade, mas, se forem, é caracterizado como confiável. A validade, por seu turno,

[...] é uma questão mais sutil, ou mais teórica: o objeto estudado (a variável dependente) está ligado ao fenômeno que queremos investigar (algum aspecto da estrutura ou do uso da língua) pelo próprio exame daquele objeto. Por exemplo, se quiséssemos investigar a idade de algumas pessoas, uma medida válida seria examinar as respectivas datas de nascimento delas; uma medida menos válida seria examinar a aparência física da pessoa (presença de rugas, embranquecimento de cabelos etc.). (Guy, 2007, p. 116).

Após a validade e a confiabilidade, pensemos na definição da variável dependente e as variáveis independentes. “[...] há diversas variáveis independentes a ser investigadas para cada variável dependente. É a definição e especificação dessas variáveis, de forma apropriada, que constitui o planejamento do sistema analítico” (Guy, 2007, p. 118).

Outro aspecto importante é a seleção de dados, ou seja, quando o pesquisador já está de posse dos dados, sejam entrevistas ou textos, é necessário identificar o que é ou não ocorrência da variável dependente, conforme as metas e os critérios estabelecidos na realização da pesquisa.

Sempre que fazemos análises quantitativas, é necessário estabelecer critérios para incluir ou não no *corpus* um dado possível. Mesmo quando o pesquisador tem uma definição clara da variável dependente, ainda existe a possibilidade de certas ocorrências da variável não poderem ser incluídas no *corpus*, por problemas como neutralização, falta de clareza da ocorrência etc. (Guy, 2007, p. 120).

Feitas essas considerações, passemos, então, a apresentar os procedimentos de análise dos dados no subtópico seguinte.

5.5 Os procedimentos de análise dos dados

Neste subtópico, apresentaremos as etapas da presente pesquisa, que são reflexos dos objetivos específicos traçados e servirão para alcançar os objetivos e, conseqüentemente, responder à pergunta de investigação.

A primeira etapa foi iniciada com a elaboração de um roteiro, que está em apêndice, contendo uma sequência lógica de perguntas, com a finalidade de realizar a entrevista de forma exitosa. Feito isso, para coletar, de fato, iniciamos com uma checagem e, posteriormente, realizamos as entrevistas sociolinguísticas, que, em média, duraram 30 minutos, distanciando, de certa forma, da proposta de Freitag (2017). Essa disparidade se deu principalmente pelo fato de não termos adotado o questionário de atitudes linguísticas.

Com as entrevistas realizadas, Freitag (2017, p. 14) sugere que seja feita a transcrição,

[...] com base na audição impressionística. Isso quer dizer que o pesquisador ouve o áudio e o transcreve; o sistema notacional da transcrição, no entanto, é variado de projeto a projeto. A transcrição fonética estrita tende a ser evitada, pois a audição impressionística nem sempre é precisa (por ser feita por humanos, tende a neutralizar as alofonias de dada variedade). Para possibilitar a manipulação dos dados em programas computacionais concordanceadores, a transcrição ortográfica padrão é mais eficiente; marcações fonológicas costumam ser feitas após a seleção dos contextos pela transcrição ortográfica, e geralmente submetidas a tratamentos acústicos com softwares específicos, garantindo resultados mais acurados.

Com base nessa proposta, escutamos as gravações dos informantes e realizamos as transcrições das sentenças que apresentavam a utilização do *nós* e/ou o *a gente*, assim como suas respectivas variantes e, em seguida, tabulamos as ocorrências em uma tabela no Excel, separando as sentenças que têm a marca de concordância verbal e as que não têm, a fim de visualizar, de forma geral, essa comunidade de fala.

A terceira parte dos nossos procedimentos se deu na apresentação, em forma de tabela, de todos os condicionantes, linguísticos e extralinguísticos, que condicionam a variação da concordância verbal, ou a manutenção da regra desse fenômeno, contribuindo, dessa forma, para área da Sociolinguística Variacionista.

Com o acesso às variáveis independentes que condicionam a variável dependente, passamos, então, a quarta etapa, que consiste na apresentação das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que mais influenciaram a variação da concordância verbal neste estudo. Para tanto, utilizamos o Jamovi (versão 2.5.6), *software* estatístico que permite

pesquisadores, de diversas áreas, realizarem análises estatística. Nesta pesquisa, esse programa computacional foi responsável por fazer o cruzamento da variável dependente em relação às variáveis independentes.

Perante o exposto, é notável que esta pesquisa se enquadra no campo das ciências sociais, área que, em linhas gerais, propõe-se a explicar fenômenos que ocorrem na sociedade, apresentando motivações sociais para os fenômenos. Dessa maneira, este estudo se enquadra nessa seara do conhecimento porque, como já foi apresentado, analisamos a fala dos olhodaguenses, com a finalidade de apresentar as variantes da variável estudada e descrever os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação da concordância verbal.

Em outras palavras, este trabalho se insere no campo das ciências sociais porque trabalhamos com seres humanos, a fim de analisar um fenômeno linguístico e fazer um retrato social da área estudada. De forma específica, insere-se na linha um de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), estrutura e funcionamento da linguagem, uma vez que se filia aos estudos da Sociolinguística, subárea da linguística que estuda a relação da língua com a sociedade, analisando a língua em situações comunicativas reais.

Encerrada a apresentação do percurso metodológico, no próximo capítulo, apresentaremos as análises e discussões dos dados obtidos nesta pesquisa.

6 ANÁLISE E RESULTADOS DO CORPUS

Neste capítulo, apresentaremos os dados extraídos do *corpus* proposto e fazemos as respectivas análises, sob ótica da Teoria da Variação e Mudança Linguística, utilizando o programa computacional Jamovi – versão 2.5.6. Com o intuito de auxiliar na compreensão dos resultados, realizamos o cruzamento da variável dependente com as variáveis independentes, ilustrando-os, posteriormente, através de tabelas e gráficos.

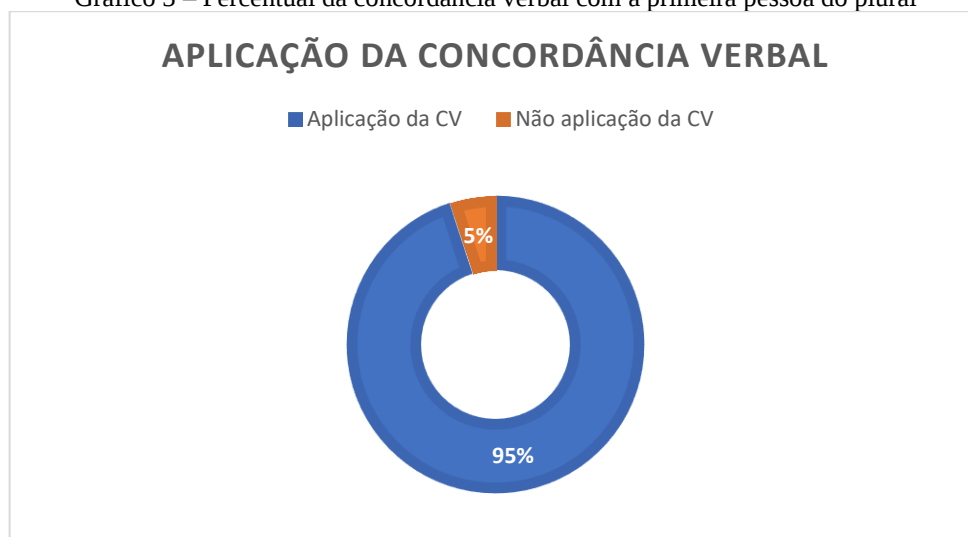
Nesta pesquisa, conforme já elucidado, a variável dependente é a concordância verbal com a primeira pessoa do plural, e as variáveis independentes, por sua vez, são: posição do sujeito em relação ao verbo, a animacidade do sujeito, faixa etária, gênero/sexo e escolaridade.

Os resultados e discussões dos dados partem, pois, de uma visão geral da variável dependente, concordância verbal com a primeira pessoa do plural, focando na apresentação da variação desse fenômeno e ilustrando as formas (*nós* e *a gente*) que foram utilizadas com mais frequência pelos informantes. Na sequência, apresentaremos e analisaremos/discutiremos os resultados das variáveis independentes em relação a variável dependente ora estudada. Por último, explanaremos as variáveis independentes linguística, que não apresentaram oposição.

6.1 A variação linguística da concordância verbal com a primeira pessoa do plural

Interessa-nos, nesta seção, constatar se há variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural na região intermediária de Mossoró/RN, representada, aqui, pela cidade de Olho D'Água do Borges/RN. Desse modo, apresentaremos, abaixo, um gráfico que representa a marca de CV e/ou ausência.

Gráfico 3 – Percentual da concordância verbal com a primeira pessoa do plural



Fonte: Elaboração própria

Nesse gráfico, são apresentados os dados referentes às aplicações e não aplicações da marca de concordância verbal nas ocorrências registradas nas 16 entrevistas realizadas. Essas entrevistas foram realizadas com informantes do gênero masculino e feminino, faixa etária de 15-30 e 31-50 anos, da cidade de Olho D'Água do Borges, com os seguintes níveis de escolaridade: Educação Básica e Ensino Superior. Das gravações, selecionamos 63 sentenças, número de realizações da primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*).

De acordo com esse gráfico apresentado, das 63 ocorrências registradas no nosso *corpus*, 61 preservaram a aplicação da marca de concordância verbal (95%), e 2 não aplicaram a regra de CV, representando, portanto, 5% do total. Percebemos, então, que a aplicação da regra de concordância verbal é mais frequente na fala dos informantes entrevistados. Os nossos resultados corroboram, portanto, com os resultados gerais obtidos por Silva e Santos (2018), em que a presença da marca de CV se sobressaiu estatisticamente.

Todavia, os percentuais mostram, também, que houve variação no uso da CV na língua falada em Olho D'Água do Borges/RN, apesar de ter apresentado uma frequência menor. Nesse sentido, os dados da presente pesquisa estão em consonância com a literatura da área, visto que alguns teóricos mencionados neste trabalho, como Araújo e Freitag (2021), Silva e Santos (2018), que estudaram esse fenômeno recentemente, asseveram que a concordância verbal é um fenômeno variável no Português Brasileiro.

Assim como esses autores mencionados, Vitório (2018), Araújo e Carmo (2019), Silva e Vitório (2020) e Souza (2021, resenhados no capítulo de estado da arte, também afirmam que a variação da concordância verbal está presente no Português Brasileiro. Assim, a “preferência” da aplicação da marca de CV, em nossa pesquisa, pode indicar que uma amostra pequena não favorece a variação da concordância verbal.

Além disso, outro ponto que justifica a superioridade da marca de concordância verbal é a combinação da forma com *a gente* com o verbo no singular. Realizações dessa natureza, neste estudo, são consideradas sentenças que preservam a marca de CV. Em consonância com Souza (2021), o uso da variante *a gente*, que substitui a variante *nós*, com o verbo na terceira pessoa do singular influencia o percentual de manutenção da regra de concordância verbal. A comungar com esse pensamento, Silva e Santos (2018, p. 135) afirmam que “a natureza do sujeito pronominal “a gente” condiciona bastante o uso da regra de concordância, pois o peso relativo dessa variável é quase o peso máximo que leva ao uso das marcas de CV.

Feitas essas considerações, cabe, agora, fazermos uma ilustração das formas utilizadas (*nós* e *a gente*) pelos informantes entrevistados nesta pesquisa, em que há registros da utilização em massa da segunda forma.

Gráfico 4 – Uso das variantes *nós* e *a gente*



Fonte: Elaboração própria

A partir dos resultados ilustrados nesse gráfico, reafirmamos que, na fala dos informantes olhodaguenses, a variante linguística *a gente* é mais utilizada, representando um percentual de 89%, enquanto que a forma *nós* totaliza apenas 11%. Esse resultado vai ao encontro do que a literatura da área está apontando – a forma com que *a gente* está sendo utilizada cada vez mais, desalojando, assim, a forma *nós* (Omena; Duarte, 2021).

Cezario e Votre (2021) atestam que, apesar das formas *nós* e *a gente* serem equivalentes, do ponto de vista social, a forma *nós* ainda é considerada mais formal. Contudo, Vitório (2018), em seu estudo sobre a avaliação social da concordância verbal com a primeira pessoa do plural, pontua que essa forma não receberá avaliação negativa, uma vez que tende a ser utilizada em diferentes situações comunicativas, por diferentes indivíduos.

Considerando o resultado da aplicação da regra de concordância verbal e a preferência pela utilização da forma inovadora *a gente*, apresentaremos, na sequência, os fatores linguísticos e sociais que selecionamos nesta pesquisa. Desses fatores, após a realização do cruzamento da variável dependente com as variáveis independentes no programa computacional Jamovi, apenas o fator escolaridade foi considerado estatisticamente significativo, sobre o qual nos debruçamos na seção seguinte.

6.2 Análise da variação da concordância verbal em função da variável independente escolaridade

Na sociolinguística Variacionista, a relevância da variável escolaridade é amplamente discutida, visto que se acredita que a escola proporciona mudanças na fala e na escrita dos indivíduos. Para Votre (2021), “a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever”. Há consenso, portanto, que os falantes que possuem um grau de escolaridade mais elevado usam as formas linguísticas mais prestigiadas, preservando, desse modo, a norma culta da língua (Coelho *et al.* 2021).

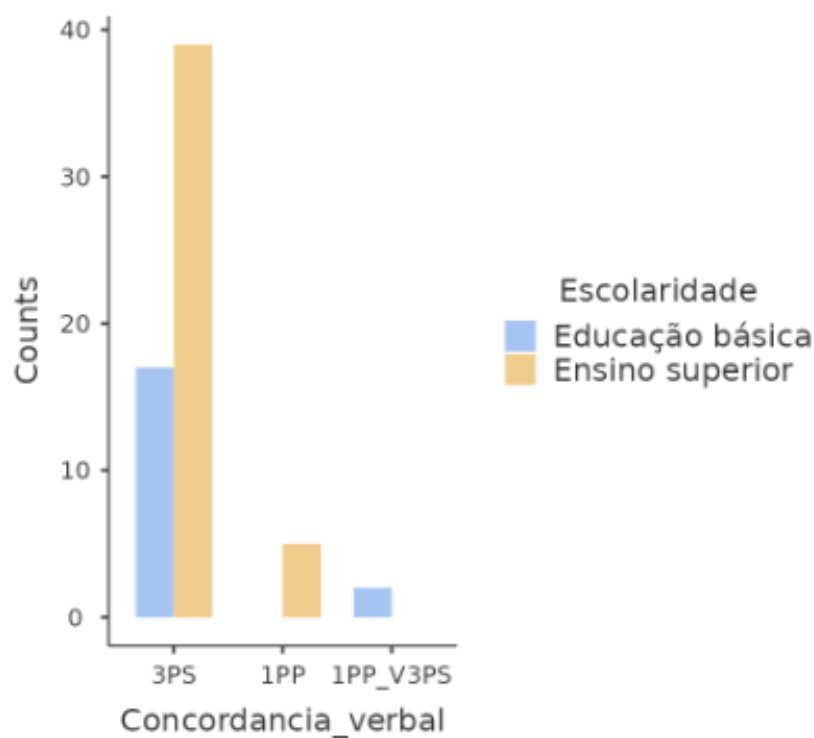
Essas assertivas dialogam com os resultados da nossa pesquisa, conforme tabela e gráfico apresentados abaixo.

Tabela 2 – Resultados da variável dependente em função da variável escolaridade

Concordância Verbal	Escolaridade		Total
	Educação Básica	Ensino Superior	
3PS	17	39	56
1PP	0	5	5
1PP_V3PS	2	0	2
Total	19	44	63

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 5 – Resultados da variável dependente em função da variável escolaridade



Fonte: Elaboração própria

Nessas ilustrações imagéticas, percebemos que há o cruzamento da concordância verbal, que é a nossa variável dependente, com o fator extralinguístico escolaridade, variável independente selecionada. Dessa variável dependente, elegemos, neste estudo, quatro variantes, ou seja, quatro possibilidades de concretização da CV com a primeira pessoa do plural, a saber: 1 – a gente “vai” (3PS); 2 – a gente “vamos” (3PS_V1PP); 3 – nós “vamos” (1PP); 4 – nós “vai” (1PP_V3PS).

Das variantes linguísticas selecionadas, percebemos que a forma *a gente vai* foi a mais usada na fala espontânea dos olhodaguenses, totalizando 56 realizações, das 63 sentenças selecionadas das entrevistas. Em segundo lugar, temos *nós vamos*, com cinco realizações. Por último, a variante linguística *nós vai* – duas execuções. Vale ressaltar, dessa maneira, que a forma *a gente vamos* não foi proferida pelos informantes da comunidade de fala ora estudada.

No tocante à escolaridade, notamos que, das 63 frases em que há a presença da primeira pessoa do plural (*nós* ou *a gente*), os falantes que se enquadram na categoria Ensino Superior preservaram a regra de concordância verbal em 61 sentenças. As frases que não preservaram essa marca, por sua vez, foram proferidas por pessoas da categoria Educação Básica, em duas execuções.

Em síntese, neste trabalho, a combinação de *a gente* + 3PS (terceira pessoa do singular) foi utilizada tanto por falantes que se inserem o nível de escolaridade Educação Básica quanto

pelos informantes que se enquadram na categoria Ensino Superior. A comungar com esses resultados mencionados, Cezario e Votre (2021, p.152) declaram que

[...] quando falantes mais cultos estão usando uma forma que anteriormente não tinha prestígio, isso significa que ela deixou de ser estigmatizada e passou a ser normal dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas, o que pode significar mudança, ou seja, substituição de uma forma mais antiga pela forma nova.

Dito isso, é oportuno frisarmos, também, que apenas os informantes da categoria Educação Básica apresentaram variação na CV, corroborando, assim, com Silva e Santos (2018, p. 136), quando frisam “que os indivíduos mais escolarizados aplicam mais concordância do que os menos escolarizados”. Além disso, a variante linguística *nós vamos* foi utilizada apenas pelas pessoas da categoria Ensino Superior, o que sinaliza que *nós* + 1PP é mais associado a pessoas escolarizadas (Vitório, 2018, p. 147).

Coelho *et al.* (2021, p. 41), apresentando uma visão geral do fator escolaridade, assevera que

Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como “*nós vai*” ou “*a gente vamos*”, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “*nós vamos*” e “*a gente vai*”.

Esse pensamento dialoga fortemente com os nossos dados, porque, de fato, os informantes de nível superior não realizaram a forma *nós vai*, tampouco *a gente vamos*. Eles realizaram apenas a forma *nós vamos*, mais formal e entendida como correta pelas gramáticas normativas, e *agente vai*, que já é considerada, *grosso modo*, como uma forma bem avaliada socialmente, conforme Vitório (2018).

Perante o exposto, percebemos que a variável independente extralinguística escolaridade atua como condicionante da manutenção e/ou ausência da marca de concordância verbal na região analisada, corroborando, pois, com diversos estudos dessa seara do conhecimento.

Feitas essas considerações, passemos, agora, a análise das variáveis independentes extralinguísticas estatisticamente não significativas – sexo/gênero e faixa etária.

6.3 Variáveis extralinguísticas estatisticamente não significativas

Os estudos que se filiam à Teoria da Variação e Mudança Linguística, como o de Silva e Santos (2018), elegem os fatores extralinguísticos de sexo/gênero e faixa etária como condicionantes da variação linguística. Todavia, neste estudo, essas categorias não foram consideradas significativas estatisticamente. Assim sendo, nesta seção, discutiremos, com base nos nossos resultados obtidos, essas variáveis independentes, explorando, a princípio, o fator sexo/gênero e, posteriormente, a faixa etária.

Tabela 3 – Resultados da variável dependente em função da variável sexo

Contingency Tables			
Concordância verbal	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
3PS	24	32	56
1PP	4	1	5
1PP_V3PS	0	2	2
Total	28	35	63

Fonte: Elaboração própria

Apesar do teste de significância, realizado pelo Jamovi, ter apresentado índices que indicam que o fator extralinguístico sexo não interfere na variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural, percebemos, com base nessa tabela, que o uso da variante *nós* + primeira pessoa do plural, forma padrão, é mais utilizado pelos informantes do sexo feminino, com um total de quatro realizações, enquanto que, do sexo masculino, apenas um informante utilizou essa forma.

Paiva (2021), Coelho *et al.* (2021) e Cezario e Votre (2021), conforme mencionado no capítulo teórico, explicam que os falantes do sexo feminino utilizam as variantes valorizadas socialmente com mais regularidade, porque “precisam”, de certa forma, de uma aceitação social. Apesar da forma *a gente* está ganhando espaço e ser bem avaliada, a variante mais utilizada pelas mulheres neste trabalho ainda é considerada a forma mais aceitável pela elite intelectual. Em síntese, “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens [...] e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio” (Labov, 2008, p. 281).

No que diz respeito à variável faixa etária, pesquisas mostram que, de forma geral, os falantes mais jovens são mais suscetíveis à utilização de forma inovadoras, enquanto que os

mais velhos são mais conservadores (Coelho *et al.* 2021). Nas palavras de Naro (2021, p. 44), “os jovens estão evitando a forma *nós* e usando mais *a gente*”.

Dito isso, apresentaremos, a seguir, a tabela referente à variável independente extralinguística faixa etária, que ilustra resultados díspares dessas afirmações.

Tabela 4 – Resultados da variável dependente em função da variável faixa etária

Contingency Tables			
	Faixa etária		
Concordância verbal	15 a 30 anos	31 a 50 anos	Total
3PS	33	23	56
1PP	4	1	5
1PP_V3PS	1	1	2
Total	38	25	63

Fonte: Elaboração própria

Embora a literatura da área estabeleça, *grosso modo*, que a variável independente faixa etária condiciona a realização ou ausência da concordância verbal, nesta pesquisa, o teste qui-quadrado, realizado pelo Jamovi, constatou que o “p-valor” dessa variável foi maior que 0,05, constituindo-se, então, como um fator não significativo estatisticamente. Em outras palavras, convém afirmar que, em termos estatísticos, o fator social faixa etária não apresenta influência na variação da concordância verbal na comunidade de fala ora analisada.

Feitos esses comentários, passemos, neste momento, às discussões das variáveis linguísticas - posição do sujeito em relação ao verbo e a animacidade do sujeito.

6.4 Variáveis linguísticas estatisticamente não significativas

Segundo Luchessi (2015), a posição do sujeito em relação ao verbo funciona como um fator condicionante da manutenção da regra de concordância verbal. Em seu trabalho, intitulado *A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador*, houve a constatação que, quando o sujeito está imediatamente antes do verbo, a regra de concordância verbal tende a permanecer, sendo considerado, portanto, como uma variável significativa.

No tocante à animacidade do sujeito, Vieira (2018), citando um estudo realizado anteriormente, menciona esse fator, dentre os inúmeros, como condicionante linguístico da

variação da concordância verbal. Ademais, Chaibe (2016) e Silva (2019) também atestam, nas suas respectivas pesquisas, que a animacidade do sujeito é um fator condicionante da CV.

Na presente pesquisa, havia a possibilidade do sujeito ser anteposto ao verbo ou posposto. No entanto, registramos apenas a ocorrência do sujeito anteposto ao verbo. A segunda variável mencionada, por seu turno, apresenta duas possibilidades: o traço de mais humano e o de menos humano. Contudo, das 63 ocorrências registradas, todas apresentaram o traço de mais humano. Em virtude disso, não realizamos o cruzamento dessas variáveis independentes, visto que o Jamovi, programa computacional selecionado, não faz o cruzamento de uma variável que apresenta apenas uma forma.

Considerando os resultados supracitados, convém pensar que a predominância da marca de concordância verbal na fala dos olhodaguenses pode indicar uma certa influência do uso demasiado do sujeito anteposto ao verbo e do traço mais humano. Não obstante, são apenas suposições, visto que não foi possível realizar o cruzamento da variável dependente em função dessas variáveis linguísticas mencionadas.

Feito isso, encerramos, neste momento, as análises e discussões dos resultados desta dissertação. No próximo capítulo, podemos tecer, por fim, as nossas considerações e apontamentos finais a respeito da discussão teórica e analítica desenvolvida aqui.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, estabelecemos como objetivo geral analisar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala dos informantes da cidade de Olho D'Água do Borges/RN. Desse modo, com base na literatura da área, selecionamos um conjunto de fatores (linguísticos e extralinguísticos) que, comumente, influenciam a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural, a saber: posição do sujeito em relação ao verbo, a animacidade do sujeito, faixa etária, gênero/sexo e escolaridade.

Para tanto, realizamos 16 entrevistas sociolinguísticas, fundamentadas no método de Labov (2008), na cidade de Olho D'Água do Borges/RN, localizada na região intermediária de Mossoró/RN. Dessas entrevistas, houve 63 ocorrências do fenômeno estudo, número de ocorrências das variantes *nós* e *a gente* seguidas de verbos, as quais foram tabuladas no Excel e postas ao tratamento estatístico no programa computacional Jamovi (versão 2.5.6), no qual foi feito o cruzamento da variável dependente ora estudada e as respectivas variáveis independentes.

A análise acerca desse *corpus* permitiu constatar que a variação da concordância verbal está presente na fala dos olhodaguenses, assim como ocorre nas variadas comunidades de fala do Brasil, confirmando-se, portanto, que esse fenômeno é altamente variável no Português Brasileiro. Além disso, percebemos que a variante *a gente*, que substitui o *nós*, é a preferida pelos falantes do *locus* desta pesquisa.

Ademais, constatamos que, das variáveis independentes escolhidas, em termos estatísticos, apenas a variável escolaridade apresentou significância, sendo considerada, assim, como o fator que mais interfere na concordância verbal com a primeira pessoa do plural. Os resultados evidenciam que, quanto maior for o grau de escolaridade do falante, maior será a manutenção da regra de CV. Em contrapartida, quanto menor o nível de escolaridade, menor a utilização da marca de CV.

É pertinente destacarmos, ainda, que a variante *nós* + 1PP, forma de prestígio, foi utilizada apenas pelos falantes da categoria Ensino Superior, consolidando ainda mais a influência dessa variável independente. A combinação de *nós* + 3PS, menos aceita socialmente, foi usada apenas pelos falantes que se enquadram na categoria da Educação Básica, o que retrata, mais uma vez, a significância desse fator extralinguístico.

Já os demais fatores sociais, sexo/gênero e faixa etária, não apresentaram significância estatística. Não obstante, os resultados ainda corroboram com a literatura da área, visto que as mulheres utilizaram mais as variantes de prestígio do que os homens. Quanto à faixa etária, os dados demonstraram que a forma *a gente*, entendida como inovadora, é mais usada pelos falantes mais jovens, estando, pois, em consonância com estudos dessa seara do conhecimento.

No que tange às variáveis independentes linguísticas, posição do sujeito em relação ao verbo e animacidade do sujeito, os dados, por não apresentarem oposição de formas, não possibilitaram o cruzamento dessas variáveis com a variável dependente, sendo, desse modo, impossível afirmar que elas interferem na variação da CV.

Por fim, esperamos, com este estudo, fomentar o desenvolvimento de outras pesquisas que, aliadas a esta e as já existentes, contribuam para a expansão do fenômeno variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural, sobretudo, na região intermediária de Mossoró/RN, a qual carece de ser explorada, sociolinguisticamente. Todavia, estamos cientes que este trabalho não é completo, havendo, sim, lacunas que poderão ser supridas em pesquisas futuras. Nestas, além de englobar um número mais expressivo de variáveis independentes, os pesquisadores poderão ampliar o número de informantes, possibilitando, assim, fazer um retrato real da comunidade de fala estudada.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística (parte I). In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. vol.1. 9ª.ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.23-50.

ARAÚJO, Rerisson Cavalcante de. GRAMÁTICA GERATIVA E DIALETOLOGIA DOS PRINCÍPIOS E PARÂMETROS AOS ATLAS SINTÁTICOS. In: CARVALHO, Dannel da Silva; SOUSA, Lílían Teixeira de. **GRAMÁTICA GERATIVA EM PERSPECTIVA**. São Paulo: Blucher, 2018. p. 1-213.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. Concordância verbal, difusão da mudança linguística no contínuo rural-urbano e mudança em curto espaço de tempo. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, p. 266-294, 14 jul. 2021. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers>. Acesso em: 25 abr. 2022.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; CARMO, Siméia Daniele Silva do. **A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no *continuum* sociolinguístico da Bahia**. São Cristóvão: Revista de estudos de cultura, p. 85-100, jan/abr, 2019.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Angélica Furtado da; VOTRE, Sebastião; COSTA, Marcos Antonio; WILSON, Victoria; KENEDY, Eduardo; LEITÃO, Márcio Martins; PALOMANES, Roza. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2021. p. 1-254.

CHAIBE, Maria Eduarda dos Santos. **A variação linguística na educação contemporânea: concepções e práticas pedagógicas**. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2016.

COELHO et al. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2021.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. **Estatística sem matemática para psicologia**. Porto Alegre: Penso, 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Thayná Celina Rodrigues. **VIOLAÇÃO DAS MÁXIMAS DE GRICE: ANÁLISE COMPARATIVA DOS GÊNEROS ANÚNCIO E AVISO DISPONÍVEIS EM PLACAS PÚBLICAS**. 2021. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró-RN, 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Documentação sociolinguística** [recurso eletrônico]: coleta de dados e ética em pesquisa / Raquel Meister Ko. Freitag. – São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 7ª tiragem. São Paulo, Atlas, 2002.

GURGEL, E. **Pesquisa e Texto Acadêmico**. 2.ed. Mossoró: Sarau das Letras, 2019.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Martha Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, Dante. A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 55, p. 166-204, dez. 2015.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Organizador). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 1-200.

MORAES, Ronaldo Nogueira de. **Concordância verbal em P6**: a regra variável na escrita de estudantes. **Ibanceira**, Belém, p. 63-77, jun. 2018.

PERINI, Mario Alberto. **Estudos de gramática descritiva**: as valências verbais. Editora Parábola: São Paulo, 2008.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis da fala. 6. Ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1987.

RODRIGUES, Arianne Paula Ribeiro da Costa. **A monotongação nas construções orais da variedade linguística potiguar: uma análise sociolinguística**. 2020. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró, 2020.

SANTIAGO, Leiliane Nogueira. **Letramento crítico multimodal no ensino de Língua Portuguesa a partir de tiras**. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN -IFRN, Mossoró, 2020.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Cap. III Teoria e prática científica. In: **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, José Anilton Alves; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **A Concordância Verbal com o Pronome nós no Sertão Alagoano**. Tocantis: Porto das Letras, p. 50-73, 2020

SILVA, Juliana da; SANTOS, Renata Livia de Araújo. **A influência da escolaridade no processo de variação de concordância verbal na língua usada em Serra Talhada**. Feira de Santana: A Cor da Letras, p. 124-139, mar. 2018.

SOUZA, Maria Helena Menezes de. **A concordância verbal com o pronome nós na comunidade quilombola Serra das Viúvas/ Água Branca – AL**. Ponta Grossa: Uiletras, p. 1-13, 2021.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância Verbal. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de Gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2018.
VOSGERAU, D. S. A. R.; ROMANOWSKI, J. P. **Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **Avaliação social da concordância verbal com a primeira pessoa do plural no sertão alagoano**. São Cristóvão: Interdisciplinar, p. 139-156, jan-jun. 2018.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamento empírico para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. Tradução de: Marcos Bagno.

APÊNDICE A – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Data: ____/____/____ **Local de pesquisa:**

Documentador:

Código do arquivo de áudio:

Informante:

Estado civil:

Rua:

Bairro:

Município:

Local de nascimento:

Data de nascimento: ____/____/____

Já viajou? Sim () () Não

() Permaneceu pouco () Permaneceu muito

Morou por mais de um ano em outro município? Sim () Não ()

Dados relativos aos pais do informante:

Em que município nasceu e morou por mais tempo?

a) O pai nasceu: Morou:

b) A mãe nasceu: Morou:

APÊNDICE B – ROTEIRO

1 – Primeiro bloco da entrevista – bairro.

- Há quanto tempo você mora nesse lugar?
- Sempre morou aqui? (se não, por que veio morar aqui?) (se sim, gosta de morar aqui?)
- (se sim) Como foi a sua infância no bairro? Mudou muito em relação aos dias de hoje?
- Você tem alguma história marcante da sua infância ou adolescência com algum parente e/ou amigo (de felicidade, alguma doença, risco de vida)?
- Você mora com quem?
- Se mora com alguém, vocês gostam de onde moram?
- O que vocês mais gostam de fazer no local onde moram? (festas, atividades de lazer, opções de gastronomia)
- Vocês vão para festas ou outras atividades de lazer fora da comunidade onde vocês moram? (se sim, por quê?)
- O que é atrativo para os moradores dessa localidade? (facilidades de transporte, comércio, lazer, educação)
- O que é desatrativo para os moradores da comunidade? (falar de problemas da comunidade: provavelmente o informante falará sobre violência, falta de infraestrutura, saneamento básico, transportes públicos deficitários, etc.)
- Pedir para o informante falar mais de um desses problemas apontados.
- Pedir para o informante avaliar se a sua comunidade tem mais pontos positivos ou negativos.

- Perguntar para o informante o que ele faria para melhorar a sua comunidade.

2 – Segundo bloco da entrevista – educação.

- Em relação à educação, onde você estudou/estuda?
- Os membros da sua família também estudaram nessa instituição?
- Por que vocês escolheram esta escola/faculdade? (se não fica no mesmo bairro, no seu bairro tem escolas também?)
- Para vocês, o que é mais importante: a qualidade da educação oferecida ou a proximidade com o local onde mora? Por quê?
- Quais os locais que você e seus colegas mais frequentavam na escola/faculdade? (se o informante falar sobre biblioteca, pergunte se ele gosta de ler; se falar sobre quadra, pergunte qual esporte gosta de praticar; se falar sala de música, pergunte se ele toca algum instrumento, e assim por diante)
- Você acha que existem diferenças em relação ao ensino público e o ensino privado?
- Como você percebe os investimentos em educação no Brasil? No estado de RN? Na escola/faculdade em que estudou/estuda?
- Introduza ao informante o tema política de cotas no ensino público e pergunte a sua opinião. Este tema deve render, pois certamente o informante deve ter posicionamento acerca das cotas.
- Caso o informante não tenha iniciado o Ensino Superior, você pensa em fazer algum curso superior?
- Como foi que escolheu, ou está escolhendo a sua profissão? A escola ajudou nesse processo? Alguém (parente ou amigo) ajudou nessa escolha?

3 – Terceiro bloco da entrevista – cultura.

- Tem alguma manifestação cultural aqui na sua comunidade que é considerada tradição? Qual? Fale sobre ela, como é? Quando acontece? Quem participa? Você ou alguém da sua família participa?
- Falando de comida, tem algum prato de comida que é típico da sua comunidade? E da sua família? (se o informante não souber, pergunte qual é o prato que a família consome reunida, em domingos ou outras ocasiões especiais)
- Você costuma sair com alguém apenas para pedir comida?
- Este alimento é típico do RN? Tem algum prato ou alimento que você considera típico de RN?
- Você já teve alguma experiência fora do RN? (se sim, conte que diferenças e que semelhanças você notou; se não, pergunte se ele tem vontade de sair, para onde e o que ele pensa que há de semelhanças e diferenças)
- O que é ser potiguar? Que características o potiguar tem? O que o diferencia do restante do Brasil?
- Você percebe se uma pessoa é daqui ou não? (se sim, peça para o informante explicitar que traços ou comportamentos ele percebe como diferentes)